

CLIPPING



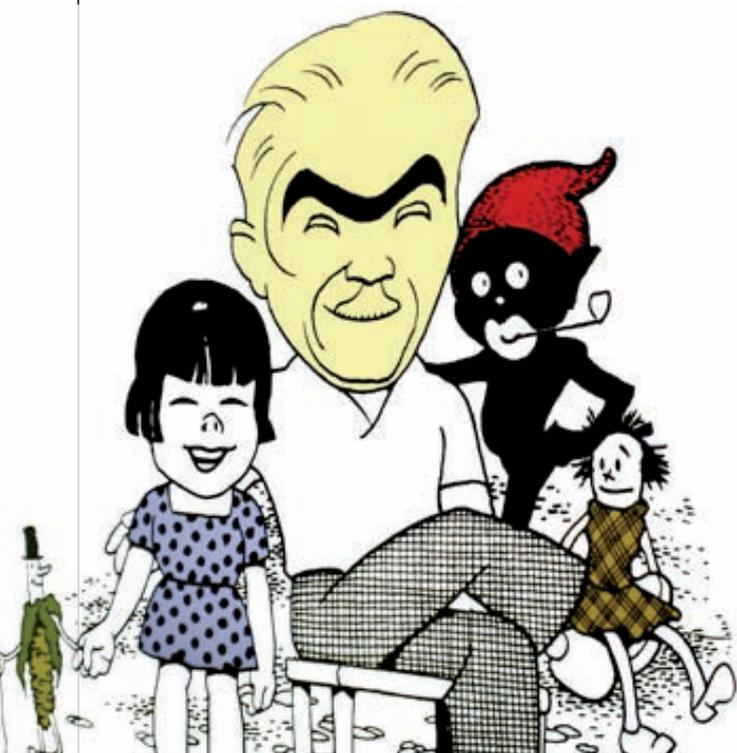
Fundação Cargill

ANO VI Nº 23 OUT.NOV.DEZ. 2010

pág.

6 O pai da literatura infantil

Ilustração: Divulgação



Charge de Monteiro Lobato, acompanhado de suas criações: Narizinho, Saci-Pererê, Visconde de Sabugosa e boneca Emília

Os personagens Narizinho, Pedrinho, Dona Benta, Emília, Tia Nastácia e Visconde de Sabugosa, moradores do Sítio do Picapau Amarelo, há décadas habitam o imaginário dos brasileiros. Criados pelo precursor da literatura infantil no Brasil, o escritor Monteiro Lobato, eles levam fantasia, cultura e conhecimento às crianças desde os anos 1920, quando foi lançado o primeiro livro: *A menina do narizinho arrebitado*. Todos eles traduzem valores e ideais defendidos por seu criador, como a valorização da cultura nacional.

pág.

3 Entrevista
Expedição Vaga Lume leva leitura a comunidades da Amazônia. Conheça essa experiência.

pág.

4 Horta e educação
Cultivo de legumes e hortaliças enriquece o aprendizado nas escolas municipais que participam do Programa "de grão em grão".

pág.

10 Giro pelas cidades
Programas *Fura-Bolo* e "de grão em grão" mobilizam alunos e educadores para o desenvolvimento de atividades que inovam o processo de ensino e aprendizagem.

pág.

12 Palavra do Voluntário
Novas iniciativas refletem comprometimento dos voluntários da Fundação Cargill.

Em 1941, Lobato já era um fenômeno editorial. As tiragens de seus livros chegavam a um milhão de exemplares, sendo o autor mais vendido na América Latina. E sua literatura continua a conquistar leitores de sucessivas gerações e a influenciar a trajetória de escritores como Luciana Sandroni, autora do livro *Minhas Memórias de Lobato*. **(leia comentário na página 7).**

Continua na página 6 ●●●●



Nosso entrevistado

Leitura e valorização da cultura regional

A Expedição Vaga Lume leva leitura a crianças, jovens e adultos de 23 municípios da Amazônia Legal brasileira, por meio da implantação de bibliotecas. Desde de 2002, o programa já beneficiou cerca de 30 mil pessoas da zona rural. Para falar sobre essa experiência, o *Jornal Fundação Cargill* ouviu Vivian Rúbia, analista de Desenvolvimento Institucional da Associação Vaga Lume.

Jornal Fundação Cargill - Baseada em sua experiência na Vaga Lume, como você define a importância da leitura para a formação de cidadãos?

Vivian Rúbia – Geralmente quando se fala sobre projeto de leitura, as pessoas pensam em algo estático, em que existem livros, as crianças leem e aprendem. Na nossa atuação com as comunidades, compreendemos que a leitura é algo a mais, que soma com outras atividades culturais. Trabalhamos por meio da mediação de leitura, na qual ela é entendida como uma ação cultural. Chegamos à comunidade com muito respeito e não abrimos mão da crença de que a população é o agente de transformação.

JFC - A Vaga Lume pode servir de exemplo para a implantação de um projeto semelhante em outras cidades e regiões do País?

VR – Acreditamos que o trabalho, como está consolidado, serve de inspiração a outros, porém não existe uma receita pronta. Não é possível dizer que um projeto implantado em comunidades rurais da Amazônia pode dar certo no Nordeste. Existe uma série de critérios, como organização comunitária, interesse da comunidade, interesse de outros atores locais, presença de liderança local, e outros fatores, que contribui para a sustentabilidade do projeto. Cada comunidade tem a sua peculiaridade. É preciso respeitar as condições locais.

JFC - Como você avalia a experiência de trabalhar a leitura com comunidades que possuem pouco ou nenhum contato com a literatura?

VR – Partimos da concepção de que não adianta distri-

buir livros e não formar pessoas que incluam a leitura no dia a dia da comunidade. É por isso que formamos os mediadores de leitura. O mediador é aquele que vai aproximar o livro da criança, do adulto, do jovem, do idoso. Eles organizam mediações de leitura pela comunidade, na casa dos moradores, nas praças. Assim incluímos um público que não tem familiaridade com os livros e nem com a leitura, como os analfabetos. Temos resultados impressionantes de mediadores jovens que não tinham habilidades plenas de leitura, mas que ao assumirem o desafio desenvolveram seu potencial. Também temos muito cuidado na seleção do acervo. Incluímos livros chamados de *primeiras leituras*, boas obras adaptadas para dar apoio a esse momento de contato com os livros.

JFC - Quais são os principais resultados da Vaga Lume?

VR – É a questão do protagonismo, que é a valorização das pessoas. Promovemos encontros entre pessoas que transformam a comunidade, que leva o trabalho à diante. A ação valoriza as pessoas a partir do que elas são, do que elas têm e como podem contribuir.

JFC - Como você avalia a formação de leitores no Brasil?

VR – Formação de leitores é um grande problema. Muitos projetos trabalham somente com a distribuição dos livros, sem monitorar ou formar pessoas para estar em contato com esses livros. Em muitos lugares nos quais chegamos já existiam livros, mas as ações não tinham continuidade, e o livro perdia o seu sentido.

Jornal Cidadania

[Home](#) > [Jornal Cidadania](#) > [Edição 56 - Ano 7 - Setembro / Outubro 2010](#)

Aproximando distâncias [exclusivo]

Publicado em 02/09/10 às 17h45

Segundo a matéria publicada pela revista Bons Fluidos, um estudo realizado pelo IBGE (2005) apontou que 21% da população amazônica acima de 15 anos era analfabeta e 42% não entendiam o que liam. Como fazer para contornar o problema daqueles que não sabem ler, considerando que há tantos analfabetos na região?

Partimos da concepção de que não adianta distribuir livros e não formar as pessoas para que incluam a leitura no dia a dia da comunidade. É por isso que formamos os mediadores de leitura. O mediador é aquele que vai aproximar o livro da criança, do adulto, do jovem, do idoso. Eles organizam mediações de leitura pela comunidade, na casa dos moradores, nas praças, e assim incluem um público que não tem familiaridade com os livros e nem com a leitura, como os analfabetos. Mas engana-se quem pensa que mediadores precisam ser plenamente alfabetizados: temos resultados impressionantes de jovens que não tinham habilidades plenas de leitura (neoleitores), mas que, ao assumirem o desafio de serem mediadores, foram desenvolvendo o seu potencial. Também temos muito cuidado na seleção do acervo, incluímos livros considerados de "primeiras leituras", livros somente com figuras, boas obras adaptadas para dar apoio a esse momento de contato com os livros. Cada um escolhe o que quiser, mas quando vemos já estão lendo os clássicos, os livros mais difíceis. Existem idosos que não leem uma palavra, mas arrasam numa roda de história, existem livros artesanais incríveis com esses personagens. A questão do analfabetismo sempre esteve presente no nosso trabalho, mas nunca foi um obstáculo, pois muito mais do que livros levamos histórias, e todo mundo gosta de ouvir uma boa história.

Qual é a maior dificuldade que a Expedição Vagalume encontra ou já encontrou?

Temos aprendido muito com nossa experiência prática em comunidades. A atuação em áreas rurais da Amazônia já é um grande desafio. São horas de barco, avião ou carro para chegar às regiões mais distantes e desenvolver o trabalho. Além disso, convivemos com questões muito complexas da sociedade brasileira, como a questão agrária, a questão indígena, a degradação da floresta, as polêmicas obras de infraestrutura, o avanço da pecuária, o crescimento da fronteira agrícola. Outro ponto com que temos de lidar são as dificuldades na articulação de parcerias locais com o poder público. Alguns municípios possuem uma tradição política (que não é exclusiva da Amazônia) que dificulta um relacionamento institucional mais efetivo. Acreditamos na interdependência, não existe o coletivo sem o indivíduo, e vice-versa.

A proposta era vencer o isolamento cultural da região, certo? Qual é a reação das pessoas?

Usamos um termo para o nosso trabalho que traduz muito a nossa essência: aproximar distâncias entre pessoas e livros, crianças e adultos, escola e comunidade, poder público e indivíduos e entre zona rural e urbana. Num primeiro momento a reação das pessoas é uma relação de troca; elas vêem um benefício que chega para agregar algo à comunidade. Com o desenvolvimento do trabalho vamos criando um vínculo maior, que é essa troca na perspectiva do tempo. Acreditamos que esse vínculo é altamente transformador, porque possibilita o desenvolvimento do protagonismo das pessoas. Para exemplificar isso: temos mediadores que iniciaram no projeto há nove anos e têm um vínculo muito grande com o trabalho, o reconhecimento da comunidade e hoje são lideranças locais na questão da leitura, receberam premiações importantes. Alguns deles até já participaram de eventos para apresentar a experiência e a Vaga Lume. Chegamos à comunidade com muito respeito e não abrimos mão da crença de que eles são os agentes de transformação.

Na prática, o que faz um agente multiplicador e um mediador de leitura? Quem são as pessoas que se tornam agentes e mediadores?

Desde que foi iniciado, o projeto Vaga Lume forma os mediadores de leitura. São moradores da comunidade, professores, jovens, donas de casa que participam de um curso com carga horária de 24 a 48 horas e passam a desenvolver as ações na comunidade: mediação de leitura, leitura na casa de moradores, empréstimo de livros, rodas de história, produção de livros artesanais etc.

A partir de 2007, a Vaga Lume viu a necessidade de transferir essa metodologia de formação dos mediadores para a própria comunidade, pois até então quem organizava os cursos era a equipe de São Paulo que ia a cada município.

Reunimos um grupo de mediadores e técnicos das secretarias de educação e os formamos como multiplicadores. Eles passaram a organizar os cursos de mediação, fazer o diagnóstico de novas comunidades aonde levar o projeto, monitorar as bibliotecas existentes e articular parcerias locais. No ano seguinte, os próprios multiplicadores formaram 573 mediadores de leitura. À equipe Vaga Lume cabe fazer o acompanhamento dos cursos, presencialmente ou à distância, produzir os materiais de apoio, como apostilas e guia de multiplicação, e avaliar o projeto.

Os dados do site da Associação Vaga Lume são de dezembro de 2008. Durante a entrevista, Vivian Rubia Ferreira passou uma lista atualizada dos resultados alcançados:

Distribuiu 64.621 livros;

Implantou 146 bibliotecas em comunidades rurais de 23 municípios da Amazônia Legal Brasileira;

Capacitou 2.239 mediadores de leitura;

Formou 210 agentes multiplicadores da metodologia;

Produziu 174 livros artesanais com histórias da comunidade;

Beneficiou mais de 30.000 crianças e adolescentes de escolas rurais;

Envolveu 16.783 participantes de sete instituições de São Paulo e 49 escolas de seis municípios na Amazônia;

Realizou o 1º Acampamento de Integração, em 2008, com 24 crianças de 10 a 12 anos;

Publicou o livro *Cartas, Pontes, Novos Horizontes* sobre o intercâmbio cultural entre crianças e educadores de Portel (Pará) e da Escola Vera Cruz (São Paulo).

Pelo pioneirismo e qualidade desse trabalho desenvolvido, a Vaga Lume já foi merecedora de prêmios importantes, como:

Prêmio Juscelino Kubitschek, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2009;

Certificado de Tecnologia Social, Fundação Banco do Brasil, 2009;

Prêmio Vivaleitura, Ministério da Cultura e Ministério da Educação – 2008;

Prêmio Chico Mendes, Ministério do Meio Ambiente – 2008 e 2006;

Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, PNUD e Governo Federal – 2005;

Prêmio Jabuti, categoria Amigo do Livro, Câmara Brasileira do Livro – 2003.

Visite o site da Associação Vaga Lume:

<http://www.expedicaovagalume.org.br/site/>

VAGA-LUME ILUMINA A AMAZÔNIA

Conheça uma organização social que aposta na leitura, no domínio da escrita e da boa fala para promover o intercâmbio cultural. Tudo para valorizar o ser humano como protagonista de sua própria história.

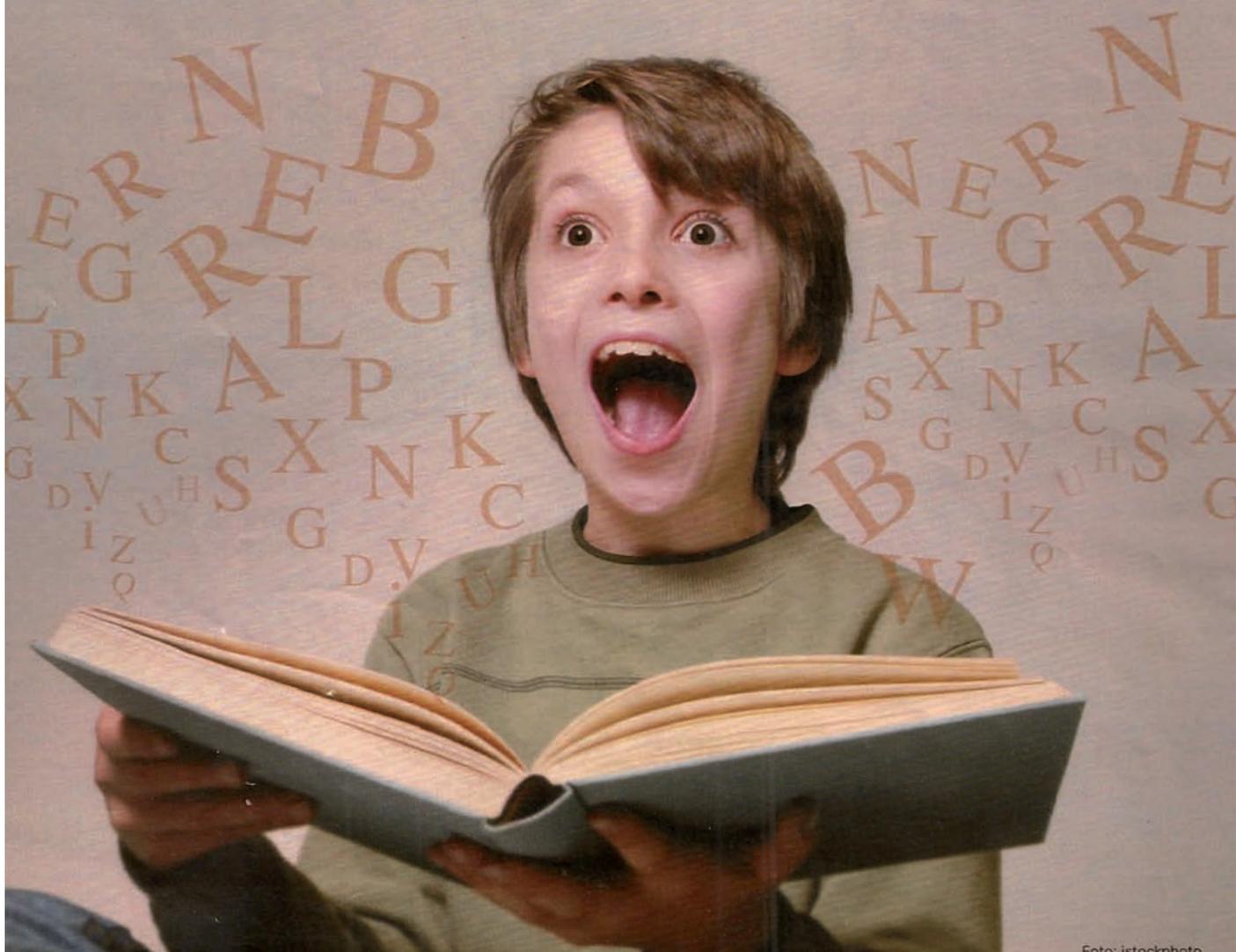


Foto: istockphoto

Educar para crescer



Na Aldeia Campina, em Cruzeiro do Sul (AC), as crianças se encantam no contato com os livros do acervo Vaga Lume. À direita, o encontro de mediadores no 4º Congresso Vaga Lume, que aconteceu em Santarém (PA), em outubro do ano passado.

Em vez de se divertirem, três jovens amigas, Sylvia Guimarães, Maria Tereza Meinberg e Laís Fleury, dedicaram várias noites de 1999 a um objetivo maior: conhecer a população brasileira para fazer a diferença no cenário nacional. Foi em uma viagem à ilha de Marajó que elas perceberam como a Amazônia recebia escassos investimentos em educação. Um estudo realizado pelo IBGE (2005) apontou que 21% da população amazônica acima de 15 anos era analfabeta e 42% não entendiam o que liam. Para tirá-los do isolamento cultural, elegeram o livro como uma ponte para aproximar as comunidades locais e as grandes metrópoles.

A própria Sylvia reconhece o valor da leitura como ampliação de conhecimento: “Eu mesma fui apresentada à Amazônia por meio de livros”.

Em 2001, conseguiram a primeira parceria com a Secretaria de Educação do Pará e colocaram em prática seu projeto piloto, batizado Vaga Lume. Aportaram em Santarém e Soure (PA), de carona com a FAB (Força Aé-

rea Brasileira), levando estantes, esteras e um acervo de livros novos, comprados com recursos próprios – hoje, o material é financiado por patrocinadores. Em 2002, o projeto conquistou investidores, o que permitiu aumentar a oferta de livros, adquirir materiais para cursos e aperfeiçoar a logística.

Mais do que isso: os recursos possibilitaram estender o trabalho às comunidades rurais graças à articulação com parceiros locais feita por meio das secretarias de educação. Foi então que a expedição Vaga Lume passou dez meses percorrendo a Amazônia Legal, território que inclui os estados de Mato Grosso, Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará, Amapá, Maranhão e Tocantins. “Podemos conhecer a fundo a realidade do país. Foi uma lição de brasilidade”, comemora Sylvia Guimarães, historiadora, que ainda se emociona ao relembrar a esperança que a visita trouxe a essas populações.

Na volta, as amigas foram surpreendidas por cartas das lideranças comunitárias pedindo mais e mais livros. O resultado não poderia ter sido melhor:

nesses oito anos desde a fundação, já foram implantadas 130 bibliotecas em 20 municípios da Amazônia Legal, que receberam 64.643 livros novos (somente literatura, não há livros didáticos). Das três amigas que iniciaram o projeto, somente Sylvia seguiu em frente.

OFICINAS E RODAS DE LEITURAS

A Vaga Lume administra e monitora as comunidades a partir de um escritório em São Paulo, de onde estabelece parcerias com a Secretaria de Educação e consegue gratuitamente alojamento e comida para a equipe de educadores que implantam as bibliotecas. Com, no mínimo, 300 livros, depois de instaladas elas são gerenciadas por lideranças comunitárias ou voluntários. Para garantir o aumento do acervo, as bibliotecas recebem anualmente novas remessas de livros, com cerca >>

“O livro é a melhor ferramenta para transportar cultura”

Sylvia Guimarães

Educar para crescer



de 50 títulos, de autores nacionais e internacionais, dirigidos ao público infantil, infantojuvenil e adulto.

A intenção não é alfabetizar, mas investir na formação das pessoas. Além de montar as bibliotecas, cabe aos educadores enviados pelo projeto formar mediadores de leitura, agentes multiplicadores – todos voluntários – e cativar a população para as rodas de leitura, encontros em que a contação de histórias mantém viva a cultura regional. Os “causos” são registrados para que não se percam com o passar do tempo. O projeto já formou 213 multiplicadores, preparados para passar adiante a metodologia de trabalho em seus municípios, formando 2.226 mediadores, cuja tarefa é aproximar crianças e adultos dos livros.

Esse é um trabalho delicado. Os mediadores esticam uma esteira no chão, oferecem diversos livros e esperam que alguma das crianças peça que se inicie uma leitura. É a comunidade que define o horário da atividade, mas a biblioteca está sempre aberta. “Ver as crianças mexendo com os livros, lendo para os pais e para coleguinhas me fez maturar: se uma criança pode, eu também posso” declara Elka Luciene Sales da

Silva, multiplicadora de Soure, no Pará. “Nós trabalhamos com a Vaga Lume para dar uma vida melhor às crianças que ainda vão nascer” escreve Thiago de Mello, poeta e escritor amazônico. Diante de uma nova remessa de livros, Rosana Maria Silveira de Oliveira, de Santarém, no Pará, comemora: “Meu filho gosta de ler e contar a história para a gente”.

APROXIMANDO DISTÂNCIAS

Como reagiria uma criança de São Paulo se descobrisse o que é viver à beira de um rio rodeado por uma floresta? O projeto Vaga Lume também responde a perguntas como essas através do programa Projeto Papel de Carta, criado em 2002. A intenção é aproximar crianças paulistas de crianças de comunidades rurais – sejam ribeirinhas, de beira de estrada, indígenas ou quilombolas – pela troca de cartas. Além de sensibilizar para a problemática ambiental, difundir as histórias de vida e valores, hábitos e costumes, o programa também contribui no currículo pedagógico das instituições participantes. “O que queremos é promover um encontro entre crianças e possibilitar a troca,

Em Pirenópolis (GO), em julho de 2008, aconteceu o Acampamento Vaga Lume de Integração, que visitou o Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado.

apesar das realidades tão diversas”, declara Guimarães.

Até 2008, alunos de várias escolas de São Paulo corresponderam-se com as escolas de Portel, Soure e Castanhal, no Pará. O intercâmbio entre a paulistana Vera Cruz e a paraense Portel resultou no livro *Cartas, Pontes, Novos Horizontes*, em que os alunos se apresentam e questionam o modo de viver uns dos outros. O contato se fazia por meio de perguntas como: “Com que idade vocês aprendem a remar? E a pescar? Quais são as festas da região?”, indaga uma criança de São Paulo. “O que eu mais gosto é de pular na água e comer açaí com veado assado”, apresenta-se um aluno da região Norte.

Desde a sua existência, esse programa já alcançou 16.783 alunos, sete instituições de São Paulo e 49 escolas de seis municípios na Amazônia. Em 2008, realizou em Pirenópolis, Goiás, o primeiro Acampamento Vaga Lume de Integração com alunos e educadores das instituições envolvidas. “Meus filhos só se interessaram por aprender a ler e a escrever para trocar cartas com as crianças de São Paulo”, relata Andréa de Almeida Silva, mãe de alunos da Escola Paulo Freire, Castanhal (PA). “No Acampamento, fiz amigos de São Paulo e de Soure”, conta Otávio Jonas Magalhães dos Santos, de 10 anos, do Assentamento João Batista, Castanhal (PA).

Ler e escrever, conhecer o Brasil e os brasileiros pode ser um caminho divertido e emocionante que traga luz e valorize as tantas culturas regionais do país. Que brilhe o Vaga Lume!

Texto • Vivian Goldman

Instituição brasileira está entre vencedores do Prêmio JK

Extraído de: Governo do Estado de Minas Gerais - 26 de Abril de 2009

Três instituições são as vencedoras do Prêmio Mérito ao Desenvolvimento Regional da América Latina e Caribe Juscelino Kubitschek, instituído pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), como parte das comemorações de seu cinquentenário, celebrado neste ano. O nome dos vencedores foi anunciado, no final da manhã deste domingo (26), pelo secretário-geral da Secretaria Geral Iberoamericana (Segib) e ex-presidente do BID, Enrique Iglesias, em solenidade presidida pelo vice-governador de Minas, Antonio Augusto Anastasia, na sede do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG).

Dividido em duas categorias, a do Prêmio Cultural, Social e Científico teve dois vencedores. A brasileira Associação Vagalume, que promove o desenvolvimento educativo e cultural em comunidades rurais da Amazônia Legal, e a representação da República Dominicana da instituição Fé e Alegria, que realiza programas e ações de educação popular, vão repartir os US\$ 100 mil destinados a essa premiação. Na categoria Prêmio Economia e Finanças, vai ganhar US\$ 100 mil a entidade venezuelana Ação Internacional, cuja missão é oferecer instrumentos financeiros a homens e mulheres que iniciam seu próprio negócio.

De acordo com Iglesias, a comissão julgadora decidiu salientar a educação, "que é base fundamental do desenvolvimento econômico, social e político", para selecionar as instituições vencedoras do Prêmio Cultural, Social e Científico. Na categoria Economia e Finanças, foi ressaltada a importância do microcrédito para a distinção. "O BID é pioneiro nessa área, da economia social", justificou o secretário-geral da Segib.

Internacionalização

Agradecendo a deferência do BID em eleger Minas Gerais para sediar a reunião da comissão julgadora do Prêmio JK, o vice-governador Antonio Augusto Anastasia destacou o processo de internacionalização do Estado, promovido pelo Governo de Minas desde 2003, quando, recém-eleito, o governador Aécio Neves começou a restabelecer entendimentos com as direções do Banco Mundial (Bird) e do BID. Já em 2006, o Governo do Estado assinou contrato de financiamento com o Bird, o que não ocorria há dez anos.

Os resultados do processo de internacionalização são os empréstimos, a cooperação técnica e a credibilidade de Minas para atrair investimentos, além de o Estado ter sediado, em 2006, a 47ª Reunião Anual da Assembléia de Governadores do BID. Com esse esforço, o Governo estadual "reabriu Minas para o mundo", conforme avalia o vice-governador. Atualmente, o BID tem assegurados US\$ 560 milhões para investimentos em Minas Gerais para 2009/2010. Desse montante, US\$ 215 milhões serão para projetos de eletrificação em Unai e nas áreas de turismo, infra-estrutura e aperfeiçoamento do modelo de gestão.

Honra

O vice-governador definiu como "uma grande honra" para Minas Gerais receber a comissão julgadora do Prêmio JK, formada por personalidades de destaque mundial e presidida pelo presidente do BID, Luiz Alberto Moreno. A comissão ficou reunida na sede do BDMG, durante o sábado (25) e manhã de domingo (26) para julgar as 144 instituições de 22 países que concorreram ao prêmio. De acordo com Anastasia, a premiação em Brasília, em data ainda a ser definida, é significativa: "Brasília foi pensada e criada por Juscelino Kubitschek, ex-prefeito de Belo Horizonte, ex-governador de Minas e ex-presidente do Brasil".

O nome do prêmio é uma homenagem do BID a Juscelino Kubitschek que, então presidente, idealizou a criação de uma instituição multilateral de desenvolvimento para a América Latina e Caribe. Suas diligências pela integração do continente americano resultaram na criação do BID, em 1959. O Prêmio JK, que será concedido a cada dois anos, tem o objetivo de reconhecer instituições que contribuíram expressivamente com o desenvolvimento social e econômico da América Latina e do Caribe.

A reunião, seguida da solenidade, contou com a presença do secretário geral da Segib, Enrique Iglesias; do embaixador da Argentina nos Estados Unidos e assessor da Organização dos Estados Americanos (OEA), José Octavio Bordón; do ex-presidente de El Salvador Francisco Guillermo Flores Perez; do ex-presidente do Equador Osvaldo Hurtado Larrea; do ex-presidente do Chile Ricardo Lagos Escobar; da ex-primeira ministra de Barbados, Billie Antoinette Miller; do presidente-executivo do Banco JBIC, Hiroshi Watanabe (todos membros da comissão julgadora); além do diretor-executivo do BID no Brasil, José Carlos Miranda; e, do secretário do BID, Juan Notaro.

Título Instituição brasileira está entre vencedores do Prêmio JK

Autor Secretaria de Estado de Governo Data 26/04/2009

Links

Arquivos

Fonte: *Lúcia Sebe/Secom MG*

Ensino crianças da minha comunidade a amar livros

Sou voluntária de um projeto que leva leitura a uma comunidade quilombola



CLAUDIA ISABEL SOUZA AVELAR,
41 anos, Damásio, MA



Agora, Damásio tem até biblioteca. Para mim, é um orgulho vê-la sempre cheia, principalmente de crianças



Moro em Damásio, uma comunidade rural de descendentes de escravos a cerca de 300 quilômetros de São Luis. Aqui, não tem nem banca de revistas! Um telefone coletivo é a única ligação das 250 famílias da comunidade com o mundo.

Sempre gostei de ler, mas só havia os livros didáticos da escola. Emprego, então... A região é pobre e não há muitas oportunidades. Uma porta se abriu quando a Expedição Vagalume, uma ONG paulista, veio para cá em 2006.

Essa ONG treina voluntários para trabalhar como divulgadores

de leitura, não só no Maranhão, mas também em Rondônia, Mato Grosso, Pará, Amazonas, Amapá, Acre e Tocantins.

Quando soube que estavam recrutando voluntários, me candidatei. Afinal, meu sonho era viver entre livros! Fui aprovada na seleção e me tornei mediadora de leitura. Agora, aproximo as crianças da comunidade dos livros.

Adoro ler para os pequenos. Assim, estimulo-os a gostar de ler. Descobri que sempre fui mediadora, mas não sabia! Fazer as crianças terem acesso aos livros é muito valioso. E a leitura é um santo remédio: ocupa os meninos, os mantém longe da marginalidade e facilita o aprendizado.

» Hoje, a comunidade tem até biblioteca

Trabalho como mediadora três vezes por semana — ou mais, se for preciso. Meu marido reclama um pouco da minha dedicação. Diz que trabalho de graça... Não dou ouvidos! Por causa disso, ganhei um curso de capacitação em São Paulo, em 2007. Nele, aprendi a treinar novos voluntários. Resultado: fiquei ainda mais apaixonada pelos livros!

Com a ajuda de todos, organizamos uma biblioteca em Damásio. Cerca de 350 livros doados pela Vagalume foram acomodados em uma casa. Para mim, é

um orgulho ver essa casa sempre cheia. A quantidade de crianças a torna pequenininha!

A chegada da Expedição teve outro ponto positivo para mim: agora, leio mais que no passado. E, pela primeira vez na vida, li obras de autores estrangeiros.

Nem sei quantos livros leio por mês. Gosto muito de grandes clássicos da literatura brasileira. *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz, eu li em uma semana. E tem 488 páginas! Pena nossa biblioteca não ter uma única obra de Machado de Assis... Adoraria poder ler algo dele. Mas essa é uma outra história.

www.educarparacrescer.com.br

23/7/2008

■ ASSOCIAÇÃO VAGA LUME PROMOVE INTERCÂMBIO ENTRE CRIANÇAS

1º Acampamento de integração Vaga Lume

 imprimir  indicar  versão em txt

 menor  maior

A Associação Vaga Lume, por meio da Rede dos Vaga Lumes promove encontro inédito entre crianças do Pará e São Paulo, de realidades sócio-econômicas muito diferentes. As crianças vêm trocando cartas há mais de dois anos e estarão juntas pela primeira vez neste 1º Acampamento de integração Vaga Lume, que acontece em Pirenópolis, a 150 km de Brasília, de 26 de julho a 2 de agosto. O 1º Acampamento de integração Vaga Lume reunirá 24 crianças e oito educadores de oito instituições educacionais do Pará e de São Paulo.

São elas: Escola Municipal Santana de Tucumanduba □ Soure / Pará Escola Estadual Santa Luzia □ Soure / Pará Escola Municipal Roberto Remige □ Castanhal / Pará Escola Estadual Paulo Freire □ Castanhal / Pará Escola Municipal São Pedro □ Castanhal / Pará Escola de ensino fundamental Santa Terezinha (particular) □ Castanhal / Pará Colégio Oswald de Andrade Caravelas (particular) □ São Paulo / SP Projeto Anchieta □ São Paulo / SP (Programa de Educação Complementar para crianças e adolescentes objetivando ampliar aptidões e conhecimentos que facilitem a educação formal, no Grajaú, em SP).

As crianças participantes têm entre 10 e 13 anos e fazem parte de um dos programas da Associação, a Rede dos Vaga Lumes, cujo objetivo é promover o intercâmbio cultural que incentiva e viabiliza a troca de correspondências entre a região norte e a região sudeste do Brasil. Por meio de cartas, trocadas desde 2006, as crianças têm a possibilidade de conhecer as tradições de cada lugar, quebrando estereótipos e fortalecendo a sua própria identidade. Estão envolvidos na produção das cartas mais de 1700 alunos e 65 educadores. O grupo que se reunirá em Pirenópolis é uma representação deste universo.

O Acampamento de integração é o 1º do gênero no Brasil e tem como objetivo promover o encontro dessas crianças para refletir sobre o meio-ambiente de cada um. A proposta de integração é inspirada nas teorias desenvolvidas pelo educador polonês Janusz Korczak, o percussor da ideia dos direitos infantis. □ interessante e importante conhecer uma nova cultura, novas pessoas, um novo lugar e muito mais. Também para mostrarmos o que sabemos, para que as pessoas que são de outro lugar também possam se divertir como nós, aprendendo muita coisa sobre outra cultura, um novo lugar. Enfim, conhecer tudo. □ diz Sandra Maestá Pereira □ Aluna do 4º ano B.

□ Para mim a pesquisa □ uma coisa que você pode achar na internet ou em livros. Intercâmbio você viaja, conhece novas culturas, novos costumes e hábitos. Você fala sobre sua cidade, suas culturas e sobre você. É uma coisa que vai mais a fundo do que só clicar em sites ou ler livros. Você viajando aprende muito mais. □ diz, Sofia R. □ Aluna do 4º ano B.

Durante os dias do acampamento, serão realizadas atividades promovidas pelo IPEC □ centro de educação ambiental localizado em Pirenópolis □ a fim de discutir o modo como cada criança enxerga o seu mundo. Elas irão trocar experiências e apresentar suas próprias culturas, aprendendo a conviver com os diversos costumes, respeitando e conhecendo suas diferenças.

Mais informações: (11) 3032-6032 www.vagalume.org.br

 imprimir  indicar  versão em txt

CONTATO

- Nome: Mari Botter
- Fone: 11 30328237
- Empresa: M2 Produções Gráficas Ltda
- Pauta incluída por: JAMILLE ILVA DO NASCIMENTO

RESPONSABILIDADE SOCIAL

ROSÂNGELA MAIORANA KZAN

rs@oliberal.com.br

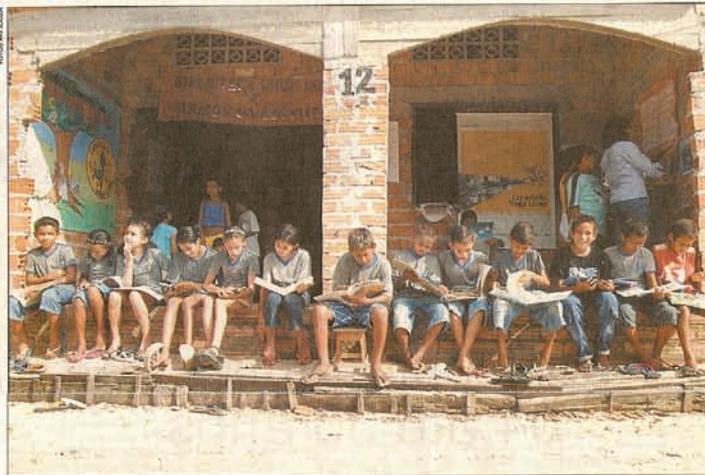
Bengui abre as portas para a leitura

MULTIPLICAÇÃO
Associação instala biblioteca aberta às crianças de famílias de baixa renda

DAFAL CUREOS
Divulgação

Antônia sorri quando lembra do garoto que apareceu na biblioteca aborrecido, livro em mãos, com a história que tinha acabado de ler. Um livrinho infantil que contava a relação entre um girino e uma lagarta em seu casulo. A amizade acabou quando o girino virou sapo e engoliu a borboleta, que mal havia ganhado asas. "Ele ficou chateado e disse que não gostou do livro. Como um amigo poderia fazer isso com outro?", conta Antônia. É uma entre várias experiências que ela ouve sempre que as crianças aparecem para devolver livros na Biblioteca Vaga Lume Amigos da Leitura que funciona na varanda da sua casa, no bairro do Bengui, na periferia de Belém. Antônia Marques da Silva, 41 anos, é dona-de-casa e voluntária do Projeto Multiplicação, iniciativa da Associação Vaga Lume, ONG pauleira realizada na Expedição Vaga Lume, que desde 2001 espalha bibliotecas pelas comunidades rurais da Amazônia brasileira. O projeto dá os livros e a estrutura e Antônia cede o espaço, mediando as sessões de leitura com as crianças a partir de uma didática específica. A mecânica parece simples, mas envolve esforços de diversos agentes num projeto mais amplo. Num bairro sem espaços de lazer, engolido pelo lixo e a lama, a varanda de Antônia é um oásis de prosperidade.

Implantada em dezembro de 2007, a biblioteca possui um acervo de 100 novos livros. A estante foi confeccionada por doentes sob coordenação da Superintendência do Sistema Penal do Estado do Pará (Sispen). Duas vezes por semana,



Na varanda da casa, crianças fazem os empréstimos dos livros ou os lêem ali mesmo, acomodados sobre esteiras, duas vezes por semana

a varanda se enche de crianças que fazem os empréstimos dos livros ou os lêem ali mesmo, acomodados sobre esteiras, onde são realizadas sessões de leitura mediadas por Antônia e Patrícia Lima, 32 anos, também voluntária do projeto. Ambas participaram de oficinas de formação de mediadores realizadas pela Associação Vaga Lume. Mas essa é uma história que remonta há alguns anos, quando essas mesmas oficinas seriam responsáveis por formar a grande idealizadora da biblioteca que o Bengui acaba de ganhar.

Ana Maria Cabral da Gama, 49 anos, é professora há 23 anos da rede estadual. Em 2002, soube da realização de um curso na Escola Roberto Remigi, no assentamento João Batista II, município de Castanhal, a cerca

"As crianças disputavam os livros, e aí fui atrás para conseguir mais exemplares"

de 77 quilômetros de Belém, onde a Associação Vaga Lume havia instalado uma pequena biblioteca. "Sempre tive o desejo de contribuir no processo ensino-aprendizagem, que é um problema permanente do nosso município", diz a professora. Durante uma semana, ela aprendeu o método de mediação desenvolvido pela Associação Vaga Lume para as bibliotecas instaladas na Amazônia. Ana passou então a desenvolver a mediação na Escola da Cidade de Ematis, no Bengui.

Pelo método, os mediadores lêem os livros na íntegra para as crianças, que formam

suas próprias interpretações sobre o conteúdo. As crianças também emprestam livros da biblioteca e conversam sobre as histórias que leram ao devolver as obras. Em algumas escolas do projeto, as crianças fazem os seus próprios livros, a partir de histórias contadas pelos idosos, numa contribuição à manutenção das tradições orais das comunidades amazônicas.

"Fiz o curso e fiquei encantada com a técnica de mediação de leitura. Eu já havia tentado outras formas e elas não eram tão aceitas. Fiquei impressionada porque ela aproxima as crianças do livro", diz a professora. "Depois do curso, não havia uma leitura que não interessasse a elas. As crianças disputavam os livros, e aí comeci uma luta para conse-

guir mais exemplares."

Em 2003, a expedição Vaga Lume continuou a enviar livros. De acordo com Ana, foram mais de 400. Outros 270, explica Ana, foram doados pela Fundação Ecofuturo. "Tudo livros novos", ela frisa. Em setembro daquele ano, 20 voluntários foram mobilizados na arrecadação de mais de 500 livros na Fetra Pan-Amazônica do Livro, em Belém, que foram doados para a Escola Roberto Remigi. Em 2005, Ana mobilizou professores para a realização de uma campanha junto a escolas particulares da capital para a arrecadação de livros usados, mas os resultados foram tímidos.

A aproximação com o projeto foi inevitável, e a professora sugeriu à Associação Vaga Lume a instalação de uma

biblioteca própria da entidade no Bengui. Para tanto, reuniu dados e informações que justificassem a necessidade de uma biblioteca no bairro, um dos mais pobres de Belém.

INFORMAL

Surgido na década de 1940, o Bengui acumula um histórico de ocupações desordenadas. Dados do IBGE de 2000 apontam que, dos quase 240 mil habitantes do bairro, 44,5% são crianças e adolescentes. O rendimento nominal médio das pessoas com renda é de R\$ 382,48, com 58% dos moradores economicamente ativos na atividade informal. De acordo com o Relatório da Cidadania III: Os jovens e os Direitos Humanos da Rede de Observatórios de Direitos Humanos, de 2002, a maior parte dos moradores do bairro possui apenas o nível fundamental incompleto. Ainda segundo o relatório, existem no Bengui apenas dois postos de saúde, três postos da Polícia Militar e um da Polícia Civil. Não há bibliotecas públicas, cinema ou teatro, e apenas duas praças em péssimo estado de conservação.

Pela insistência voluntarista, a dedicação às crianças e a paixão pelos livros, Ana Cabral conseguiu algo inédito. Até então restrito às localidades rurais da Amazônia, o projeto inaugurou em dezembro sua primeira biblioteca na periferia de uma grande cidade.

"Nossa meta era inicialmente trabalhar com todas as escolas rurais das comunidades onde atuamos", diz a assessora executiva da Associação Vaga Lume, Daniela Weiers. "Conhecemos a Ana em Castanhal, em 2002, e desde então ela tem participado dos cursos de formação de mediadores da leitura." Os esforços não foram em vão. Em apenas dois meses, os registros da Biblioteca Vaga Lume Amigos da Leitura indicam a frequência de alunos de nove escolas das imediações.

Biblioteca é alternativa às dificuldades de ser criança em bairro carente

Ela já leu "Letras ciganas", "Cinderela" e "O macaco mandrão". Doou três livros à Biblioteca Vaga Lume Amigos da Leitura - que, aliás, foi ela quem batizou. Sinara Farias Felipe, 13 anos, estudante da 7ª série, é frequentadora assídua da biblioteca e já não sabe dizer quantos livros leu desde que ela foi inaugurada. "Antes eu lia 'mais ou menos'. Mas toda noite, antes de dormir, ou de manhã, quando não tenho nada pra fazer, pego um livro pra ler", diz Sinara. "Em casa tenho poucos livros. Comecei a ler mais por causa da biblioteca."

Sinara mora com a mãe, empregada doméstica, e o padrasto, que trabalha como vigia. Reclama da falta de espaços para brincar, da sujeira do bairro e lembra que a entrada da rua da biblioteca está cheia de lixo e caramujos. Não gosta de ficar até tarde na rua porque "muito homem enveredado fica mexendo com as meninas". Acabou encontrando na

biblioteca não apenas um passatempo, mas uma alternativa às dificuldades de ser criança num bairro tão carente.

"O livro ensina muitas coisas boas pra gente, o caminho que a gente deve seguir, e ajuda a passar as coisas que não sabem", diz Sinara. Sem saber, já se tornou uma mediadora. "Tenho colegas que não acham bacana ler, dizem que dá dor de cabeça, que prejudica a vista. Tem gente que gosta de jogar bola. Eu gosto de ler."

Jhully Wenny, de 12 anos, acha o bairro perigoso e escolheu a biblioteca para ler e brincar. Ela já pegou emprestado três livros desde que a biblioteca foi aberta e diz que a leitura lhe ensinou a usar melhor as palavras. "Quando a gente lê, a gente fica sabendo como se escrevem as palavras. É só olhar no livro", explica. "Aqui a gente faz o desenho, depois faz uma história do desenho e lê em voz alta. É muito divertido."



Antônia Silva: "Sempre tive o desejo de contribuir no processo ensino-aprendizagem"

"O que eu vejo muito é que eles não têm área de lazer, então as crianças ficam na rua. Não tem praça, só arena, mas são todas particulares", diz Antônia. Ela teme a exposição à violência e às drogas, mas está orgulhosa da biblioteca e mostra com orgulho a pasta onde estão registrados os 300 empréstimos realizados pelas crianças. Ana Cabral comemora os resultados e espera que novos parceiros se alieem ao projeto, já que a escola funciona em estrutura mínima. A casa não possui grades e o chão, cimentado, carece de mais esteiras para as crianças se acomodarem. A varanda é quente e não tem ventilador. Com a chegada de novos livros, a biblioteca também precisará de mais estantes. A própria professora já buscou apoio junto à Secretaria Municipal de Educação (Seme) há alguns anos, mas à exceção de um aporte de recursos no ano passado, as investidas foram em vão (R.G.)

PROMOÇÃO DA CIDADANIA

A Expedição Vaga Lume é um programa criado e desenvolvido pela Associação Vaga Lume em 2001, a partir de um piloto no estado do Pará, com o objetivo de promover o acesso ao livro e à leitura em comunidades rurais da Amazônia Legal brasileira. Além da estrutura fornecida pelo programa, composta

por um acervo de livros novos e mobiliário contendo uma estante de madeira certificada, livreira em lona reciclada para expor os livros em sala de aula e dois lapeteis pedagógicos fabricados em palha, o programa também capacita professores da rede pública e lideranças comunitárias na mediação de leitura - técnica

de origem francesa que trabalha o livro como objeto cultural - e na valorização das histórias locais. Desde 2001, o programa já doou mais de 50 mil livros novos, capacitou 1.000 mediadores de leitura e formou bibliotecas escolares comunitárias em 82 comunidades rurais de

19 municípios de 9 estados da região da Amazônia Legal brasileira. A ONG já recebeu diversos prêmios de reconhecimento nacional, como o Prêmio Chico Mendes de Meio Ambiente do Ministério do Meio Ambiente e o Prêmio Objetivos de Desenvolvimento do Milênio concedido pelo Governo Federal e PNUD/ONU.

SERVIÇO:

A Biblioteca Vaga Lume Amigos da Leitura está precisando de estantes simples para acomodar as crianças e estantes para os novos livros. A varanda abafada pode melhorar com um

ventilador. Quem quiser ajudar pode entrar em contato com a professora Ana Maria Cabral, pelos telefones 3288.0770 e 9138.0430. Você pode saber mais sobre o projeto em www.vagalume.org.br

Jornal da Tarde

Edição Capital > SÃO PAULO, DOMINGO, 29 DE JULHO DE 2007 / ANO 42 / Nº 13488

JORNAL DA TARDE
DOMINGO, 29/7/07 **JTCIDADAO | 13A**

> faço parte

Agenda

Dia 21 de agosto, a Federação de Comércio do Estado de São Paulo e o Senac realizam o Fórum Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável. As inscrições são gratuitas e limitadas. Mais informações: 11-2182-6900.

Destaque para iniciativas de empresas e ONGs que atuam no bem-estar da sociedade e na preservação e recuperação do meio ambiente

CAPACITAÇÃO > ONG prepara representantes da Amazônia para serem agentes de leitura em comunidades rurais

Agentes vão gerir bibliotecas na Amazônia

SAULO LUZ
saulo.luz@grupestado.com.br

No Brasil, uma pessoa lê cerca de 1,8 livro por ano, número baixo comparado aos Estados Unidos (5,1), segundo a pesquisa *Retrato da Leitura no Brasil*, encomendada em 2001 pela Câmara Brasileira do Livro. Com a intenção de melhorar esse quadro, a Associação Vaga Lume realiza há seis anos a Expedição Vaga Lume, que já implantou 82 bibliotecas em comunidades rurais da região amazônica, região com carência desses espaços.

Para fortalecer o projeto, a entidade está realizando, em São Paulo, um congresso para formar agentes que irão gerenciar e multiplicar os espaços de leitura na Amazônia Legal Brasileira, área que engloba nove estados pertencentes à Bacia Amazônica. "São 74 pessoas, entre técnicos de prefeituras e lideranças



É uma mudança de estratégia. Agora, estamos partindo para a promoção do protagonismo dos agentes locais",

SYLVIA GUIMARÃES,
PRESIDENTE DA VAGA LUME

comunitárias de 19 municípios. Eles estão apresentando a situação atual das bibliotecas Vaga Lume

em suas cidades e sendo capacitados a gerir as que existem e a planejar e implantar novas bibliotecas", explica a presidente da Associação Vaga Lume, Sylvia Guimarães.

Divididos em duas turmas, os participantes do congresso estão aprendendo como realizar o trabalho de acesso ao livro, incentivar a leitura e valorizar a cultura local. Além disso, estão participando de atividades para confecção de livros artesanais, trocando experiências e conhecendo outras bibliotecas da capital paulista.

Expansão

Após o congresso, que começou no último dia 16 e termina em 31 de julho, os agentes formarão equipes para atuar na promoção da leitura nas regiões onde vivem. Essas equipes serão compostas por um representante da secretaria de educação

do município e mais três integrantes da comunidade, que passarão por um processo seletivo. A ideia é que eles sejam representantes locais da Expedição Vaga Lume em suas comunidades, supervisionando de perto as bibliotecas rurais e multiplicando a metodologia de incentivo à leitura.

No município de Santarém (Pará), por exemplo, a ideia é melhorar as cinco bibliotecas já existentes e implantar outras cinco em diferentes comunidades. "Primeiro vamos fortalecer as bibliotecas existentes, ampliando o acesso para mais crianças", explica Jefferson Júnior de Oliveira Souza, representante da Secretaria Municipal de Educação. "Depois, vamos compor grupos de mediadores e desenvolver cursos para pessoas da comunidade que vão gerenciar as novas bibliotecas", completa.

SAIBA MAIS SOBRE A EXPEDIÇÃO VAGA LUME

» Desde 2001, o programa já distribuiu mais de 50 mil livros novos, capacitou mil mediadores de leitura e formou bibliotecas escolares comunitárias em 82 comunidades rurais de 19 municípios dos nove estados da região da Amazônia Legal Brasileira
» Em 2006, 18.658 livros foram distribuídos nas 82 bibliotecas

» Deste total, 10.045 foram levantados com financiamento do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e 8.613 foram conseguidos com outros parceiros
» No mesmo ano, 7.158 famílias foram envolvidas diretamente no projeto Expedição Vaga Lume e nas bibliotecas



Crianças aproveitam Biblioteca Vaga Lume de Carauari, no Amazonas

Ricardo Oliveira na vaga de Sóbis

Rafael Sóbis, machucado, dá lugar ao atleta do Milan. *Esporte*, 4.



Emoção paraense cravada na Loteca

Remo x Paysandu e Flamengo x Vasco são os clássicos da rodada. *A Zebra*.

Musa brigona pega no pesado

Naomi Campbell cumpre pena de esfregão na mão. *Magazine*, 4.

ANO LXI ■ Nº 31.694

TERÇA-FEIRA, 20 DE MARÇO DE 2007

DOMINGOS: R\$ 2,50 ■ DIAS ÚTEIS: R\$ 1,50

BELÉM, TERÇA-FEIRA, 20 DE MARÇO DE 2007

O LIBERAL

ATUALIDADES ■ 7

PAC vai garantir água potável para 100 mil no Pará. Página 8.

CIDADES

Estudantes do Pará fazem intercâmbio

INTEGRAÇÃO

Vinte e seis alunos paraenses trocam experiências com estudantes paulistas

BRASÍLIA
Da Siscorial

Alunos de 26 escolas rurais em Portel, Soure e Castanhal participam, a partir de hoje, de um projeto de intercâmbio cultural com alunos da cidade de São Paulo. A proposta pioneira em integração de duas realidades sócio-educacionais tão distintas quanto a dos ribeirinhos da Amazônia e a dos urbanizados paulistanos está estruturada na leitura. A Associação Vaga-Lume, que se dedica ao desenvolvimento cultural e educacional de comunidades rurais da Amazônia, se propõe a fazer a mediação entre esses dois públicos. Através da troca de conhecimentos vivenciada, crianças e adultos inseridos em diferentes realidades descobrem mais sobre si e sobre a complexa realidade brasileira.

O Programa Rede dos Vaga-Lumes foi criado para promover experiências educativas inovadoras, como essa, por meio do intercâmbio cultural entre comunidades escolares da Amazônia e do Sudeste do País. E, a partir de hoje, Belém sedia o VI Comitê Educacional da Rede dos Vaga-Lumes, que tem por finalidade promover a construção participativa e o aprimoramento do Programa Rede dos Vaga-Lumes. Os alunos das 23 escolas rurais de Portel, Soure e Castanhal vão trocar experiências com alunos de escolas sediadas na maior metrópole brasileira. Os alunos de São Paulo são de três escolas: Escola Estadual Jardim Iguatemi, Escola Oswald de Andrade Caravelas e Escola Vera Cruz.

O grupo que participará deste encontro será composto por diretores das escolas participantes do Programa na Amazônia, representantes da Secretaria Municipal de Educação - Semed, professores e comunitários dos três municípios envolvidos no Estado do Pará, Castanhal, Portel e Soure. Neste encontro serão discutidos os resultados do

Programa em 2006 e o planejamento das atividades de 2007.

O encontro acontece na Base da Força Aérea Brasileira (FAB) de Belém (PA) e se estende até amanhã. A reunião do Comitê Educacional será o início de um intercâmbio cultural vivencial que contribui para a quebra

Associação Vaga-Lume faz a mediação entre os dois grupos de estudos

de paradigmas e preconceitos e amplia o repertório cultural

das crianças e professores participantes.

Atuando desde 2001 na inclusão de comunidades rurais da Amazônia através do incentivo à cultura, a Associação Vaga-Lume é uma entidade sem fins lucrativos que já teve seu trabalho amplamente re-

conhecido nestes seis anos de atuação. Premiações como o Prêmio Chico Mendes de Meio Ambiente do Ministério do Meio Ambiente e o Prêmio Objetivos de Desenvolvimento do Milênio concedido pelo governo Federal e PNUD/ONU atestam a eficácia educacional que o incentivo à

leitura promove na inclusão das sociedades mais remotas da Amazônia. O Programa Rede dos Vaga Lumes é patrocinado pela TBE Energia e a corretora de valores Hedging Griffo e conta também com o apoio da FAB - Força Aérea Brasileira e a Gol Linhas Aéreas Inteligentes.

GP compra 40% da rede de churrascarias Fogo de Chão A2

Ford também cobiça uma parceria com a Nissan e Renault, dirigidas por Carlos Ghosn (foto) B11



www.valoronline.com.br

LUZ NA FLORESTA
Em Soure, capital do búfalo, Expedição Vaga-Lume forma empreendedores e leitores F2



Valor ECONÔMICO

EMPRESA & COMUNIDADE

Especial Empresa & Comunidade

Educação Cursos para treinar a leitura de professores acabam promovendo boa gestão e organização social

Vaga-lume forma empreendedores em lugares remotos

Marília de Camargo Cesar
De Soure, Ilha do Marajó

Ela veste uma camiseta regata preta onde se lê a frase: "Vejo que ainda não vi bem o que vi", de Guimarães Rosa. É jovem, tem olhos verdes reluzentes, cabelos loiros compridos de sereia, e parece não dar muita importância para entrevistas. Ela também desconhece aquele ditado judaico que diz que quem salva uma vida salva o mundo inteiro. Sua atenção está voltada para as pessoas que realmente importam, os moradores desta comunidade esquecida. Quando se apresenta ao grupo de visitantes, ela diz apenas: "Eu sou uma vaga-lume".

Embora tenha só 32 anos, Laís Fleury já viu muitas coisas que a maioria dos brasileiros não viu e nem está muito interessada em ver. E ela as viu muito bem. Por lugares remotos da Amazônia aonde só se chega de barco, pau-de-arara ou com apoio da Força Aérea Brasileira, ela se alegrou com os olhares curiosos de crianças e adultos que pela primeira vez na vida viam um livro de histórias. A missão de Laís agora é abrir os olhos dos outros para que mais pessoas como ela possam ver. E quem sabe fazer alguma diferença. Uma vaga-lume, você sabe, tem esse destino na vida: levar uma luzinha fraca e encantadora onde tudo o mais em

volta é treva e esquecimento.

A luz que Laís e suas sócias vaga-lumes estão espalhando pelos cantos escuros do Brasil se chama literatura. Como missionárias da selva, essas jovens bem formadas e bem nascidas de Goiás e de São Paulo — o trio inseparável Laís Fleury-Sylvia Guimarães-Maria Tereza Meinberg — estão levando para uma nova etapa um trabalho imbuído de paixão, perseverança e obstinação. Ele foi plantado há cinco anos e já colhe muitos frutos. A operação é conhecida como Expedição Vaga-Lume, uma organização civil sem fins lucrativos que já instalou bibliotecas em 101 escolas de 20 municípios da Amazônia Legal. Uma região onde um em cada três adultos é analfabeto ou analfabeto funcional.

Os primeiros resultados concretos desse verdadeiro trabalho de formiguinhas puderam ser vistos no fim do mês de julho, no pequeno vilarejo marajoara chamado Tucumanduba. Foi ali, numa manhã abafada de domingo, que, diante de vários membros da comunidade e de um grupo de visitantes de fora que veio conhecer o projeto Vaga-Lume, que o vigia Júlio de Souza Teixeira foi oficialmente proclamado escritor.

"Seu Júlio", como é conhecido, recebeu das mãos de uma criança da vizinhança o livro que conta a história de sua vida. É uma encadernação artesanal, uma brochura

com capa de plástico, mas não vale tanto a forma e sim o conteúdo. Este livro é a materialização do espírito das vaga-lumes, uma vocação para inocular nas pessoas que nunca viram um livro na vida o "bichinho da leitura". O livro do "seu" Júlio leva o título "A História de Um Vencedor". E faz parte da proposta de espalhar por todas as bibliotecas vaga-lumes obras compostas por pessoas das próprias comunidades alcançadas pelo trabalho. É uma forma de armar o que começou lá atrás, há cinco anos, com as leituras de histórias feitas pelas vaga-lumes e por professores treinados por elas.

"Em 1939, na comunidade do Muturi, cidade de Soure, na Ilha de Marajó, Pará, nasceu Júlio de Souza Teixeira, o terceiro filho de uma família de nove irmãos". O livro vai descrevendo uma vida de perdas e alcoolismo, o casamento rejeitado pela família da noiva, os 17 filhos (oito mortos, nove vivos). O vencedor do título se reconhece só no final, quando "seu" Júlio conta como conseguiu livrar-se do álcool com a ajuda dos Alcolólicos Anônimos, reconquistou a confiança da mulher e passou num concurso público da prefeitura para vigia da Escola de Santana de Tucumanduba. Quando lhe perguntam se ele sabe o que será feito com as outras cópias de "A História de Um Vencedor", "seu" Júlio se agarra ao seu

exemplar e diz: "Eu não sei o que vão fazer com aqueles, só sei que este aqui é meu". Vários dos visitantes exibem lágrimas nos olhos.

Plantar bibliotecas simples e móveis — na verdade, pequenos caixotes de madeira reciclada que podem ser transportados de escola em escola pela imensidão sem fim da Amazônia — é um trabalho que só consegue se solidificar por causa dos treinamentos com os professores ou voluntários locais, que a Vaga-Lume chama de "mediadores de leitura". O substitutivo é o único elemento complicado da expedição. O resto todo é simples e talvez por isso mesmo eficiente.

Treinar um mediador é ensinar-lhe a ler bem as histórias, com entonação e alma, mas os cursos de 40 horas não ficam só nisso. Eles levam noções de gestão e organização social, da formação de um cadastro de leitores até a reunião em assembleias. "Recuperam a auto-estima e a capacidade da comunidade de reconhecer o seu valor. O que eu vi aqui é uma verdadeira lição de empreendedorismo", avalia Vivianne Naigeborin, diretora de parcerias estratégicas e integração na América Latina da Ashoka Empreendedores Sociais, que estava entre os visitantes da expedição no fim do mês.

O impacto desse trabalho, portanto, vai muito além das crianças. Talvez o maior efeito seja mesmo sobre a vida dos professores. Enquanto os pequenos ganham intimidade com os livros, que são bo-

nos, coloridos e bem ilustrados, os adultos ampliam seu interesse pela leitura. "A leitura antes era sempre para resolver alguma questão gramatical ou para interpretação. Agora a idéia de ler por obrigação foi se acabando", diz Luis Alberto da Silva Valle, professor da escola de Tucumanduba.

"Eu detestava ler. Quando essas moças chegaram, eu até tremia de medo de ficarem me fazendo perguntas", conta a ex-professora Lucineide Borges, da Escola Municipal Santa Luiza, de Vila Pesqueiro, uma comunidade de pescadores a quinze minutos do centro de Soure, a capital não-oficial da Ilha do Marajó. Hoje, ela já consegue enumerar os benefícios do convívio com os livros infantis. Depois de ler para seus alunos um livro que conta como nascem os bebês, teve como responder à pergunta do filho de dez anos que quis saber de onde ele tinha vindo. "Se não tivesse lido aquele livro, eu tinha morrido de vergonha".

Em cinco anos de trabalho, a Vaga-Lume já capacitou 800 mediadores de leitura e atingiu com seu trabalho um total de 6.200 famílias em nove Estados. A meta para 2007 é quase dobrar o orçamento, para R\$ 1,8 milhão, e para isso as três sócias têm batido de porta em porta. O BNDES tirou um belo peso das costas das moças ao liberar de seu fundo social R\$ 700 mil num contrato fechado no ano passado. O

Banco Daycoval, Gol e Banco da Amazônia também tem sido fundamental. "Sem a Lei Rouanet nós não seríamos nada", afirma Laís. Mas bem que elas gostariam de conseguir fechar patrocínios de mais longo prazo e evitar o trabalho de negociar as cotas todos os anos.

Outro objetivo para 2007 é implantar um banco de dados e um sistema de monitoramento, que dê mais agilidade e eficiência para processar as informações colhidas nas comunidades. Ampliar a equipe de educadores é outra necessidade. Medir os resultados na melhoria do aproveitamento escolar das crianças beneficiadas pelas bibliotecas também é importante, já que não há dados concretos que mostrem como o contato com os livros está mudando a realidade dessas famílias. "Dados nós realmente não temos, mas sabemos que o aproveitamento escolar melhora muito", afirma Luci Olga Abdo Nascimento, secretária de educação de Soure.

Estatísticas seriam boas para impulsionar o trabalho dessas obstinadas, que de tanto se dedicar a esses vilarejos e escolas acabaram se tornando um com eles. Mas enquanto não há números, ficam as palavras. Palavras que, como disse o escritor amazonense Milton Hatoum "não curam, mas são uma trégua no desamparo, melodia na solidão."

A jornalista viajou a convite da Expedição Vaga-Lume

Capital do búfalo, Soure procura alternativa para a economia crescer

De Soure

Os moradores de Soure costumam dizer que o que há de melhor na cidade vizinha de Salveterra é a vista. As duas cidades disputam o título de "capital do Marajó", esta ilha selvagem que é na verdade o maior arquipélago fluviomarinho do mundo. Com uma área de 50 mil quilômetros quadrados, Marajó reúne o maior rebanho de búfalos do Brasil, 600 mil cabeças, o que equivale dizer que há quatro búfalos per capita.

Sem perder tempo com a rivalidade de entre as cidades, o prefeito de Soure, Carlos Augusto Nunes Gouveia (PSDB), apelido Tonga, está mais preocupado em dar "um trato" no município que comanda já pela terceira vez. Com 22 mil habitantes, Soure tem economia de subsistência e sonha atrair turistas mais exigentes para passeios ecológicos. A natureza ajuda: as praias são lindas e o cenário é paradisíaco. Mas a infraestrutura é precária e carente de investimentos. A maioria das ruas é de terra batida e as casas são de taipa de mão ou madeira. Os búfalos pastam tranquilamente por todo lado. A economia vive da pesca, da pecuária e dos coqueiros. O orçamento anual é de R\$ 11 milhões.



Na prática, o primeiro "trato" do prefeito foi tentar diminuir os problemas causados pelo alcoolismo e pelos arruaceiros. Em junho, baixou um decreto proibindo a venda de bebidas alcoólicas em locais públicos. Agora, numa cidade onde se vê propagandas da Cerpa em todos os muros e postes, cerveja só se vende em bares com, no mínimo, um banheiro instalado.

Antes de proibir a venda, o prefeito convocou escolas e cidadãos para apoiarem uma ampla campanha de conscientização contra os malefícios do álcool. Segundo ele, os resultados foram excelentes. "Há um ano e quatro meses não há

crime de morte na cidade", comemora. Na cadeia de Soure, estão 39 detentos que "Tonga" está louco para ver libertos.

Outra medida para impulsionar a economia foi fazer um convênio com o governo do Estado do Pará para reformar e modernizar um matadouro para abater os búfalos da cidade. Hoje, eles são enviados, de pé, em barcos, que cruzam o rio Paracauari rumo a Belém. "Assim, vamos agregar valor para o município". O matadouro vai receber R\$ 500 mil e terá capacidade para abater 100 mil animais por ano. (M.C.C.)

EDUCAÇÃO

Alunos paulistanos fazem intercâmbio com a Amazônia

Por meio da Associação Vaga-Lume, seis escolas de São Paulo desenvolvem atividades de autoconhecimento com seus alunos e trocam experiências com diferentes comunidades rurais localizadas na região da Amazônia brasileira

MARIA REHDER

Descobrir-se para melhor retratar sua identidade é um dos conselhos que alunos de 6 escolas paulistanas vêm seguindo desde que começaram a participar da Rede dos Vaga-Lumes, programa de intercâmbio cultural realizado entre instituições de ensino de São Paulo e comunidades rurais localizadas na região da Amazônia Legal.

A iniciativa surgiu há 3 anos, quando as fundadoras da Associação Vaga-Lume, entidade criada em 2001 com o objetivo de arrecadar livros para a criação de bibliotecas comunitárias na Amazônia, viram que, além dos obras literárias, era preciso levar um pouco da realidade paulistana às comunidades atendidas pela ONG.

"Queríamos criar pontes para aproximar essas distantes regiões, para que os alunos pudessem vivenciar suas diferenças e não apenas estudá-las", afirma Sylvia Guimarães, fundadora da ONG.

A parceria com escolas particulares de São Paulo para a criação da Rede dos Vaga-Lumes, segundo Sylvia, foi uma estratégia adotada para a garantia de custeio do projeto. "Como as comunidades da Amazônia eram carentes, precisávamos contar com um parceiro que pudesse arcar com gastos com o envio de material por correio e ligações interurbanas", conta.

Sylvia explica que o papel da Associação Vaga-Lume é mediar o intercâmbio. "O projeto acontece por meio de um planejamento conjunto de atividades para que as comu-

nidades escolares (Amazônia e São Paulo) possam trocar experiências e retratar suas realidades", afirma.

O envio de jogos infantis desenvolvido por alunos, resenhas dos livros doados, fotos, desenhos e textos são alguns exemplos de materiais produzidos pelos participantes. "Cada comunidade desenvolve um meio de representar a sua realidade", avalia Sylvia.

O projeto Rede dos Vaga-Lumes é realizado em duas etapas. No primeiro ano, dois professores de São Paulo são enviados à Amazônia para conhecer a comunidade com a qual têm realizado o intercâmbio. Já no segundo ano, acontece o inverso: dois membros da Amazônia visitam a escola paulistana.

Atualmente, 6 instituições de ensino de São Paulo fazem parte do



Jovens de Portel (PA) recebem material enviado por alunos da escola paulistana Vera Cruz

projeto e a grande novidade para 2006 é a inclusão da escola estadual Jardim Iguatemi, localizada na Zona Leste, Capital, por meio do patrocínio dos Correios. "Por estarmos em uma zona periférica, acredito que a diferença social entre os alunos e as comunidades da Amazônia não será grande", diz Susy Rocha, diretora da escola.

A Associação Vaga-Lume (www.expeditaovagalume.org.br) está em busca de novos parceiros privados para ampliar o número de escolas públicas participantes.

Para Stella Mercadante, diretora da escola particular Vera Cruz, a Rede dos Vaga-Lumes não só gerou uma oportunidade de intercâmbio cultural, mas fez com que seus alunos pudessem realizar um exercício de autoconhecimento. "Conseguimos fazer com que a proposta do projeto atingisse alunos do maternal ao último ano do ensino fundamental", afirma.

A diretora conta que a comunidade escolar, por meio de promoção de eventos, também conseguiu arrecadar verba para a manuten-

ção do projeto. "Quando nossos dois professores voltaram da Amazônia, publicamos um livro com relatos da viagem, o qual compartilhamos com a família dos alunos", lembra.

A Vera Cruz é a única escola que já concluiu as duas etapas do projeto. "Recebemos, no ano passado, dois professores de Portel, Pará. Foi maravilhoso, eles tiveram a oportunidade de falar para um público de 900 pessoas, sendo que toda a comunidade deles não chegava nem a 100 habitantes", conta.

Polêmica: *EUA*
debate mistura
de fatos e ficção
nos livros • 3

PROSA & VERSO

Evento: *Projeto*
Prosa nas
Livrarias estreia
segunda-feira • 6

SÁBADO, 4 DE FEVEREIRO DE 2006

MITOS E VERDADES DO MERCADO EDITORIAL



IMAGENS de incentivo à leitura pelo país: apresentação da ong Leila Brasil, em Niterói (à esquerda) e cenas da Expedição Vaga Lume em Ouro Preto do Oeste (RO), Cruzeiro do Sul (AC), Mirinzal (MA) e Castanhal (PA)

Rachel Bertel

Os homens antigos não viviam sem mitos, com os quais explicavam muitos dos mistérios desvendados pela Humanidade ao longo dos séculos. No Brasil, a situação da leitura e do mercado editorial ainda parece, muitas vezes, numa era de antiguidade mitológica. São muitas as histórias, as hipóteses, as aparências, mas ninguém conhece ainda ao certo a verdade sobre índices de leitura, sobre a economia do setor, sobre o número e o estado das livrarias no país.

A partir de hoje, e nas próximas três semanas, o Prosa & Verso vai debater alguns dos mitos que norteiam a atividade editorial no país, ou as meias-verdades que tanto dificultam ações eficazes de política de Estado no incentivo à leitura. Vai também mostrar o esforço que tem sido feito para pôr fim ao cenário de incertezas e palpites. Quem nunca ouviu que o brasileiro não gosta de ler? Hoje, o mito em debate é justamente este. Verdade ou mentira? Profissionais que trabalham no incentivo à leitura, sempre em busca de apoio para realizar seus projetos, desmistificam essa questão e contam um

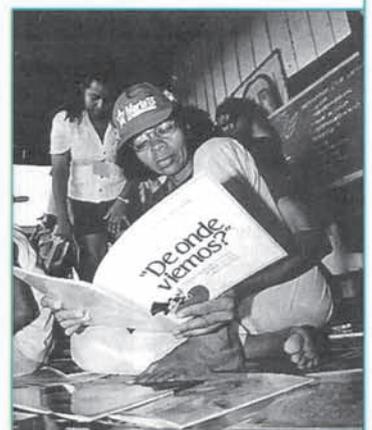
pouco da sua emoção ao descobrir e formar leitores nos rincões do país.

Na próxima semana, será a vez de lançar a discussão sobre as livrarias. Sempre se comentou que Buenos Aires tem mais livrarias que o Brasil inteiro. Hoje, já se diz que isso não corresponderia mais à realidade, em grande parte devido à crise econômica vivida pelos portenhos nos últimos anos, mas de toda forma não se apresentam dados para embasar as comparações. Isso porque, simplesmente, ainda não há informações consolidadas a respeito no Brasil. Quais as consequências desse desconhecimento?

Em seguida, será a vez de um tema espinhoso: o preço do livro e, de quebra, a situação do mercado editorial no país. A maior parte dos editores brasileiros assegura que o livro no Brasil não é caro. Esta, porém, não é a opinião do consumidor. E novas pesquisas econômicas realizadas nos últimos anos mostram que haveria espaço para redução de preços, o que, a princípio, atrairia maior fatia de compradores, ou seja, aumentaria o acesso ao livro. Na última semana, a série vai se voltar para a situação dos autores no país: afinal, as editoras preferem os escritores estrangeiros aos brasileiros? Vamos aos fatos.



'O brasileiro não gosta de ler'



Em 2000, elas eram três amigas com pouco mais de 20 anos que se juntaram para fundar a Expedição Vaga Lume, projeto que visa a criar bibliotecas comunitárias na Amazônia Legal, o vasto território que inclui os estados de Mato Grosso, Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará, Amapá, Maranhão e Tocantins. As "vaga-lumes", como as meninas acabaram conhecidas depois de muitas andanças pela região, nunca se intimidaram com o fato de o Brasil apresentar, segundo estatísticas oficiais — e mesmo assim questionáveis —, um dos mais baixos índices de leitura do mundo, de 1,8 livro por habitante no ano. E fizeram ouvidos moucos a quem lhes dizia que livros, num país de

muitos analfabetos, semi-alfabetizados e sem tradição de leitura, não trariam retorno algum.

O sonho nasceu em 1999, durante uma viagem à Ilha de Marajó. As meninas, todas de São Paulo, não se conformavam com o fato de os habitantes da região amazônica, de natureza e tradições riquíssimas, receberem tão escassos investimentos. Depois de muitas conversas, escolheram o livro como forma de se aproximar das comunidades e contribuir para tirar seus moradores do isolamento.

— A biblioteca foi uma estratégia que encontramos. É um patrimônio comum, do qual todos podem participar — conta Maria Teresa, de 28 anos, que até hoje trabalha com as amigas

Sílvia Guimarães, da mesma idade, e Laís Fleury, de 31 anos.

Relatam elas na internet: "Há muita discussão sobre os baixos índices de letramento entre a população brasileira. 'Brasileiro não gosta de ler', creem uns, 'aqui faz muito calor, o povo é preguiçoso', dizem outros". Sem se prender a esse tipo de preconceito, elas partiram para a ação, preocupadas em responder: "Afinal, o que é necessário para que alguém se torne leitor?"

A resposta encontraram na prática. A Expedição Vaga Lume funciona atualmente em cerca de 100 comunidades rurais de 20 municípios da Amazônia Legal e já coleciona seis prêmios, incluindo um Jabuti de Amigo do Livro. *Continua na página 2*

Patrimônio Cidadania:

ONG faz 4 anos e amplia projetos na Amazônia

Premiada pela ONU, Expedição Vaga Lume, que instala bibliotecas na região, planeja curtas e livros para preservar a história das comunidades locais

Paula Chagas

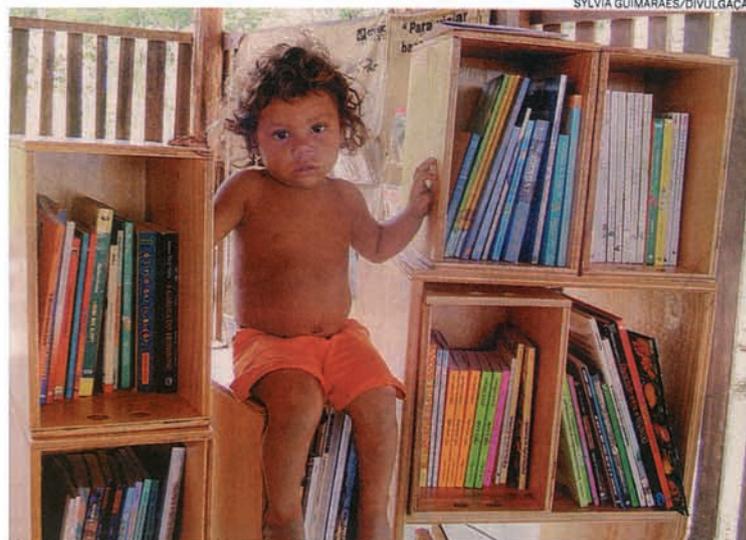
ESPECIAL PARA O ESTADO

A Expedição Vaga Lume, ONG que instala bibliotecas em comunidades rurais na Amazônia, completa quatro anos de atividades. A comemoração é dupla, pois vem com o reconhecimento da ONU através do prêmio ADM Brasil: Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, que receberam em dezembro. Para 2006 as coordenadoras e sócias Sylvia Guimarães, Laís Fleury e Maria Tereza Meinberg planejam a realização de dois curtas-metragens, livros artesanais com histórias das comunidades, simpósio sobre a Amazônia e a troca de experiência entre os professores de lá e os das escolas paulistanas que integram a Rede dos Vaga Lumes.

A criação das bibliotecas é fococentral da ONG, que já beneficiou cem comunidades. "O trabalho cresceu e se modificou muito desde o início da expedição", conta a historiadora Sylvania. "Pretendemos expandir nossa rede de apoiadores e patrocinadores, através da Lei Rouanet", planeja a administradora Laís. Atualmente contam com o patrocínio da Bovespa Social, Hedging Griffo, Grupo Guascor e das Fundações Avina e Ashoka, além da FAB. "Sem eles não teríamos conseguido nada", ressalta Laís. O BNDES renovou o apoio para infra-estrutura da ONG nos próximos dois anos.

Desde a primeira viagem aos confins da Amazônia as coordenadoras acumularam muito conhecimento sobre a região e seus moradores e planejam aprofundar a troca com os habitantes de lá. "Começamos a expedição com a idéia de realizar a primeira viagem, de 11 meses, levar as bibliotecas, fazer a capacitação com os professores e pronto. Foi o próprio trabalho que fez com que sentíssemos a necessidade de continuar", explica Laís. "Por causa disso deixamos de ser somente uma expedição e nos transformamos em uma ONG, com oito funcionárias e sede em São Paulo", afirma a publicitária Maria Tereza. "As bibliotecas são o nosso foco principal, mas vimos que a real necessidade é de contato, de conversa entre a população de lá, com suas histórias, e a daqui, que só a conhece por fotos e imagens da TV", completa Sylvania.

Por conta disso, além de levarem para lá livros selecionados



SYLVIA GUIMARÃES/DIVULGAÇÃO

FUTURO-Projeto é coordenado por Sylvania Guimarães, Laís Fleury e Maria Tereza Meinberg

por elas com auxílio de especialistas como a autora Ruth Rocha, passaram a compilar as narrativas das comunidades. "Começamos com as rodas de história, mas eram tantas, a vontade de guardá-las também, que eles quiseram fazer seus próprios livros", lembra Laís. Assim nasceu a nova atividade: a feitura de livros artesanais pelos moradores da região.

"Alguém conta a história, um ilustra, outro registra e os

TROCA DE EXPERIÊNCIAS ENTRE PROFESSORES DE LÁ E DAQUI VAI CONTINUAR

livros artesanais vão sendo feitos", conta Laís. Há a idéia de transformar os livros artesanais em uma publicação efetiva, mas por enquanto elas se concentram na distribuição dos trabalhos nas diferentes comunidades. "Para quem mora nos grandes centros, parece que as comunidades da Amazônia são uma coisa só, mas há muita diversidade, de povos, de histórias, de ascendência", afirma Sylvania. "E as diferentes comunidades da região têm pouco contato, pois a locomoção é difícil e há raras iniciativas nesse sentido."

Para este ano, a idéia é aprofundar a troca de experiências entre os professores da

Amazônia e os de São Paulo. Para isso, fundaram a Rede dos Vaga Lumes, formada por dez escolas particulares de São Paulo, como o Vera Cruz.

No ano passado houve a primeira troca de experiências, com professores de lá vindo para cá. "Eles ficaram uma semana, foram a algumas escolas, cujos professores já haviam ido à Amazônia. Foi muito rico, havia curiosidade de ambas as partes", constata Sylvania. "As crianças tinham muitas perguntas para eles, que se sentiram valorizados como educadores", conta Laís. Esse ponto foi também debatido no Simpósio sobre a Amazônia que realizaram em São Paulo e que terá continuidade este ano.

"Apesar de estarmos em contato com a realidade da Amazônia, não temos a pretensão de ser especialistas no assunto", assegura Sylvania. "A realidade de lá é complexa e há muitos pontos a serem levados em consideração: meio ambiente, falta de estrutura, diversidade cultural, etc..." Por conta disso, chamaram especialistas em diversas áreas para debater essas questões. "Este ano queremos dar continuidade, pois a iniciativa deu muito certo."

As coordenadoras fazem questão da troca em todas as atividades que realizam. "É muito importante para nós que as comunidades vejam o resultado do que fazemos em conjunto", garante Sylvania. Com es-

se pensamento realizaram no início do trabalho o curta-metragem *Kéro* (que significa vaga-lume na língua indígena tucano), que retratava a expedição em seus primórdios. Agora preparam dois novos curtas. "Um será sobre a Rede dos Vaga Lumes e o outro sobre a expedição de um modo geral", adianta Maria Tereza.

As imagens já foram colhidas e agora elas partem para a edição, com o diretor Caio Vecchio, da Encruzilhada Filmes. "Os filmes são importantes, pois o cinema é uma forma eficiente e rápida de se aproximar das pessoas", conta Laís. "Chegamos às comunidades e a primeira atividade que realizamos é passar o nosso filme", recorda Maria Tereza. "O mais estimulante é poder levar de volta para eles as imagens que fazemos em suas comunidades."

As três desbravadoras prometem continuar a empreitada de ser um meio de comunicação entre a maior metrópole do País e as comunidades rurais da Amazônia. "Fala-se muito de preservação da Amazônia, lembra-se dos bichos, da flora, mas esquece-se que há pessoas lá e são 20 milhões. Precisamos conhecê-los de perto", lembra. Para mais informações sobre a Expedição Vaga Lume acesse o site www.expedicaovagalume.org.br.

Um sonhador

MILTON HATOUM

APRENDI A navegar no escuro antes de ler e escrever. Meu pai me ensinou a remar e a encontrar canal em época de vazante. Isso num tempo em que havia estações. Em setembro, os rios ficaram tão rasos que os peixes foram aprisionados em lagos que nunca foram lagos. Mortos. E um cheiro de cinzas no ar... Meus pais não viram esse céu de ferrugem que esconde o sol. Velhos, nem falavam mais no futuro... Agora aparecem juntos e enlaçados, assombrados que nem fantasmas. Dizem que no Sul os rios morreram há muito tempo, e que há guerra e flagelos nas grandes cidades. Por aqui, de qualquer coisa se morre, e até malária enterra crianças. Violência, doenças: quem pode desmentir seu próprio sofrimento?

Do Sul e da outra metade do país tenho notícias por umas moças que trazem palavras para o nosso povoado. Há poucos anos elas chegaram com caixas de livros e começaram a contar histórias para as crianças. Lembro que na nossa infância os mais velhos também contavam muitas histórias, mas desde que o último avô morreu, um silêncio misterioso fechou a boca de várias gerações.

As moças foram embora com a promessa de que voltariam. Os mais jovens duvidaram, mas elas reapareceram que nem vaga-lumes: de surpresa e piscando pontos de luz na escuridão. Nos meses de seca e escassez, quando as mar-

No céu avermelhado se apagou a última estrela. Ao mesmo tempo, uma forma estranha riscou o horizonte. Era um voador bicudo, que foi atraído para as trevas da mata

gens se confundiam com o leito do rio, os livros eram lidos em voz alta. As palavras não curam, mas são uma trégua no desamparo, melodia na solidão. Agora as crianças sonham as histórias que ouviram ou contam sonhos com as palavras que aprenderam a ler.

Lembrei das moças vaga-lumes porque ontem, dia da República, quis ser o primeiro a votar. Atravessava o estirão do Diabo à vara e a remo, e de repente uma voz surgiu na curva do riozinho da Liberdade, onde fica a seção eleitoral. A voz fria e convincente disse: "Não adianta votar... A decepção é maior do que a esperança".

Procurei em vão a origem da voz. Nas margens do riozinho a altura das palmeiras anunciava o amanhecer. No céu avermelhado apagou-se a última estrela. Quase ao mesmo tempo uma forma

estranha riscou o horizonte. Era um voador bicudo, e grande demais para ser um morcego. Alcançou um descampado, foi atraído para as trevas da mata e se perdeu por lá. Uns animais guincharam e soltaram grunhidos estranhos. Ao longe, uma fila de vultos maltrapilhos crescia diante da seção eleitoral. Eu não conseguia sair do estirão: a canoa ficou cercada de peixes podres, folhas e galhos carbonizados. Pelejava para afastar esses dejetos, mas a curva do rio parecia inalcançável. Aos poucos, os grunhidos tornaram a ecoar no espaço, os sons aumentaram e pareciam urros de homens engalfinhados, como se disputassem um banquete. Lutavam na mata fechada: uma disputa das mais ferozes. Depois escutei umas gargalhadas de festim e vi a fila de votantes avançar devagar, com um andar de procissão. De repente, o silêncio: tudo ficou paralisado. Um estrondo apagou a curva do rio e outras visões.

O mesmo estrondo me acordou.

Era a primeira manhã do ano. Na memória do sonho ainda alternavam a traição sem remorso e a esperança. E logo me veio à mente uma frase que nunca esqueci: o destino do sonhador é duvidar...

Milton Hatoum, 53, é escritor, autor dos romances "Relato de um Certo Oriente" (Prêmio Jabuti, 1990), "Dois Irmãos" (finalista do Jabuti, 2000) e "Cinzas do Norte" (Grande Prêmio da Crítica -APCA, 2005).



A GAZETA

www.gazetadigital.com.br

BRASILEIRO 1
SANTOS
TENTA SE
CONCENTRAR
 PÁGINA 8B

BRASILEIRO 2
FLA BUSCA
AFIRMAÇÃO
 Júnior Baiano terá duelo particular com o ex-companheiro Dimba.
 PÁGINA 7B

BRASILEIRO 3
VASCO
ENFRENTA
SÃO PAULO
 PÁGINA 7B

ESTADUAL
CUIABÁ E OPE
DECIDEM HOJE
 É a única vaga restante à etapa que corresponde às quartas-de-final.
 PÁGINA 5B

Cuiabá e Várzea Grande: R\$ 2,50 - Interior: R\$ 3,00

CADERNO A - CUIABÁ, DOMINGO, 22 DE MAIO DE 2005

ANO XV - Nº 4984

ECONOMIA

Fone: 0xx/65/612-6319 - E-mail: economia@gazetadigital.com.br
- Serviço de Atendimento ao Assinante: 0xx/65/612-616f

VAGA-LUME

Projeto leva leitura para comunidades no Estado

EXPEDIÇÃO VAGA-LUME ATENDE AS CIDADES DE CAMPINÁPOLIS E CHAPADA DOS GUIMARÃES EM MT

ANELIZE MORENO
ESPECIAL PARA A GAZETA

Os municípios de Campinópolis e Chapada dos Guimarães (localizados a 565 km e 65 km de Cuiabá, respectivamente) contam com um acervo de cerca de três mil livros doados pela Expedição Vaga-Lume. Os exemplares estão divididos em seis bibliotecas montadas

nas cidades. Campinópolis possui quatro bibliotecas. As outras duas foram instaladas em Chapada dos Guimarães.

O projeto Expedição Vaga-lume atua em toda região amazônica e tenta contemplar ao máximo a diversidade geográfica e étnico-cultural dessa região brasileira para promover o desenvolvimento humano das comunidades. A fundadora da Expedição Vaga-lume, Maria Tereza Junqueira, destaca duas peculiaridades que desencadearam a escolha dos municípios: "Chapada dos Guimarães está dentro de um Parque



Nacional e Campinópolis é originária de um assentamento".

A implantação das bibliotecas nas duas cidades aconteceu em 2002, quando cada um dos três primeiros espaços de leitura recebeu um acervo de 300 livros. No ano seguinte, o conjunto de obras foi alimentado com mais 250 exemplares. As últimas três bibliotecas foram instaladas em 2004, quando os espaços receberam mais 1,7 mil livros.

A Expedição Vaga-Lume também visita as comunidades beneficiadas pelo projeto para acompanhar o desenvolvimento desses grupos de pessoas. No último retorno da expedição aos municípios, em 2004, cerca de 600 crianças de quatro comunidades de Campinópolis e 1,2 mil de dois grupos de pessoas de Chapada dos Guimarães foram contempladas por um trabalho de educação ambiental denominado guardiões da Limpeza.

Em torno de 30 professores e voluntários de cada município também foram beneficiados com um curso de mediação em leitura. No ano passado as localidades também contaram com uma seção de cinema com a exibição da primeira visita da expedição, que aconteceu em 2002.

Em Campinópolis, 310 pessoas assistiram ao vídeo e em Chapada dos Guimarães, foram 224.



ACERVO COM TRÊS MIL LIVROS FORAM DOADOS ÀS CIDADES MATO-GROSSENSES PELO PROGRAMA

Projeto Vagalume reforça ações na Amazônia rural

Melhora no desempenho em todas as disciplinas escolares, na oralidade e na construção de textos, desenvolvimento da criatividade e meta de aprovação de 90% ultrapassada. Esse foi o resultado observado pelos professores entre as crianças de uma escola em Alter-do-Chão, ação piloto da Expedição Vagalume, que desde 2001 tem promovido a formação de bibliotecas em comunidades rurais da Amazônia Brasileira.

Depois de levar coleções de livros para 21 cidades em nove Estados, a expedição está revisitando todas as bibliotecas criadas a partir do projeto para fortalecer as ações e ampliar o acervo. A primeira visita aconteceu esta semana em Alter-do-Chão, para onde o grupo levou mais 300 livros arrecadados numa campanha realizada ano passado com estudantes de escolas particulares de São Paulo. "As crianças compraram os livros que mais gostam e escreveram dedicatórias para as crianças da Amazônia. Também tem um cartão postal, então tem toda uma troca entre elas. Junto com o novo acervo, também estamos fazendo um trabalho com os professores que já foram capacitados durante a implantação das bibliotecas para que eles se tornem multiplicadores para outros professores", explica a relações públi-

cas paulista Maria Teresa Memberg, uma das três idealizadoras da Expedição Vagalume, junto com Laís Fleury e Sylvia Guimarães.

Mais do que doar acervos para a formação das bibliotecas, a importância do projeto que virou uma ONG está nesse corpo-a-corpo feito com a comunidade para tornar o livro um objeto do desejo, diz Maria Teresa. "O objetivo é despertar no outro o prazer pela leitura, a leitura pelo lazer. Por isso usamos livros de contos, romances. Existe todo um processo de oficinas e uma metodologia que é passada para os professores para que eles possam trabalhar o livro de forma interessante. Mas além dos livros e da formação de agentes multiplicadores, também estamos levando cinema para essas pessoas, com os registros que fizemos nas comunidades em 2002, curtas nacionais e filmes de animação".

Nessa nova etapa do projeto, patrocinado pelo Instituto Amazônia Celular e Correios, a equipe da Expedição Vagalume deve visitar vários municípios realizando essas ações de fortalecimento. A próxima parada deve ser Portel, na Ilha do Marajó, englobando dez comunidades. Mais informações no *site* www.expedicao-vagalume.org.br.

LEITURAS NA AMAZÔNIA

INTEGRANTES DA EXPEDIÇÃO VAGA-LUME, QUE IMPLANTOU BIBLIOTECAS INFANTIS NA REGIÃO NORTE DO PAÍS, LANÇAM VÍDEO QUE MOSTRA COMO FOI A EXPERIÊNCIA

RUTE GUEDES

Uma amostra da Expedição Vaga-Lume, projeto educacional de implantação de bibliotecas infantis no norte do País, pode ser conferida hoje em Goiânia no pré-lançamento do curta-metragem *Keró*. O vídeo será exibido às 19 horas no restaurante L'Étoile D'Argent, em jantar beneficente para arrecadar fundos para o projeto, organizado pela goiana Lais Fleury e pelas paulistas Maria Teresa Junqueira e Sylvia Guimarães.

O vídeo, um documentário de 14 minutos em miniDV dirigido por Caio Vecchio, foi idealizado por Lais e as integrantes da ONG Associação Vaga-Lume. O filme mostra o trabalho das jovens em diferentes comunidades da chamada Amazônia Legal, sua área de atuação. "Ele vai servir como instrumento nas campanhas de arrecadação de livros. Além de dar uma idéia de como funciona a Expedição Vaga-Lume, o vídeo também ilustra um pouco da cultura amazônica", adianta Lais Fleury.

Keró, conta ela, significa vaga-lume na língua indígena tukanó, mesmo nome de uma aldeia do noroeste do Amazonas. Este foi um dos nove Estados da região amazônica visitados pelo grupo Vaga-Lume, que implantou 32 bibliotecas infantis em 21 municípios, atuando em 150 escolas rurais. As integrantes passaram 287 dias viajando, percorrendo cerca de 35 mil quilômetros. Ao todo, 12 mil livros foram doados e, estima-se, 15 mil crianças foram atendidas. Até agora o projeto contou com o apoio das secretarias municipais de ensino locais e da Força Aérea Brasileira, além do patrocínio

da Amazônia Celular e da Finanstria Financiadora.

Em cada local que chega, a Expedição Vaga-Lume doa 300 livros e duas estantes confeccionadas pelo detentos do Presídio

Metropolitano de Marituba, de Belém. "Mas apenas doar os livros não é o bastante. Em cada comunidade nós capacitamos professores e voluntários para mediar a leitura para que as crian-

ças tenham o melhor aproveitamento possível", explica Lais, que diz ter formado 500 mediadores de leitura em comunidades como vilas ribeirinhas, regiões de fronteiras, assentamentos e grupos indígenas.

Processo contínuo

Isto foi o que a ONG chama de primeira etapa. "Para que o nosso trabalho não tenha sido em vão, ele precisa de continuidade. Por isso queremos fortalecer as bibliotecas implantadas, realimentar os acervos e supervisionar o trabalho com os mediadores, para avaliar o resultado do projeto", conta Lais.

O vídeo *Keró*, reforça Lais, é uma importante ferramenta para dar continuidade a esse processo. "Queremos ter um produto bem-acabado e vamos transferir para película. O vídeo está inscrito na Lei Rouanet. É uma peça fundamental na conquista de novos patrocinadores e também na sensibilização de pessoas de todo o País nas campanhas de arrecadação de livros." Os recursos arrecadados com o jantar serão integralmente revertidos para a Associação Vaga-Lume, cujo projeto surgiu, segundo as organizadoras, da vontade de conhecer a região amazônica e seu povo. "Queríamos também contribuir com essas pessoas e, depois de uma pesquisa sobre suas carências, resolvemos investir em educação", explica Lais, de 29 anos.

Lançamento: Curta-metragem *Keró*
Realização: Associação Vaga-Lume
Data: Hoje, às 19 horas
Convite: R\$ 50 (individual)
Local: Rua 146, nº154, Setor Marista.
Telefone: 9687-4006
Mais informações:
www.expedicaovagalume.org.br

Expedição Vaga-Lume completa dez meses de 'iluminação' da região, com livros e aulas

Clareiras da Amazônia

Projeto montou bibliotecas em áreas rurais de 9 Estados e formou 500 "mediadores de leitura"

CASSIANO ELEK MACHADO
 ENVIADO ESPECIAL A CASTANHAL (PA)

Como a pequena Macondo, de " Cem Anos de Solidão", que via chegar anualmente a fantástica trupe do cigano Melquiades, uma série de vilarejos da Amazônia também recebeu em 2002 uma visita que beirou a alquimia.

Se os nômades do romance de Gabriel García Márquez levavam à cidadezinha o imã, a lupa e o gelo, as integrantes dessa outra expedição transportaram a idéia de transformar livros e aulas em luz.

Seguindo o exemplo dos vaga-lumes, que acendem brilhos esparsos e discretos na escuridão dos matos e florestas, Laís Fleury, 28, Maria Teresa Meinberg, 25, e Sylvia Guimarães, 25, viajaram por dez meses levando bibliotecas e ensinamento a comunidades amazônicas de difícil acesso.

A Expedição Vaga-Lume, nome do projeto, partiu de São Paulo em 8 de março deste ano, Dia Internacional da Mulher. Na sexta-feira passada, essas moças que levaram o ano todo cruzando os nove Estados da Amazônia em canoas, lotações, paus de arara e aviões da Força Aérea Brasileira se viram pegando o metrô na lotação estação Tietê, em São Paulo.

A trilha que elas deixaram na



Criança do assentamento João Batista, do MST, em Castanhal (PA), lê livro de biblioteca doada pela Expedição Vaga-Lume

floresta mais famosa do mundo não é pequena. O trio implementou 32 bibliotecas com 300 livros cada, que beneficiam diretamente 17 mil crianças, e, mais importante, deram cursos para mais de 500 professores, arte-educadores e assistentes sociais da região.

Durante uma semana que passaram em cada uma das comunidades visitadas, as "vaga-lumas" ensinaram o que chamam de me-

dição de leitura.

"O mediador é aquele que desenvolve nas crianças o gosto pela leitura espontânea. A molecada tem contato com o livro na escola sempre ligado a provas, cobranças. O mediador mostra a elas que ler pode ser gostoso como brincar de boneca, jogar futebol ou assistir TV", diz Sylvania Guimarães.

Essa atividade de capacitação dos "multiplicadores de leituras"

já estava no script desde que o trio começou a criar o projeto, em 2000. Mas durante o embrenhamento delas pelas comunidades acabou por se transformar no núcleo da expedição.

"A Expedição Vaga-Lume saiu de São Paulo como um projeto de implementação de bibliotecas", diz Maria Teresa Meinberg, codinome Fofa. "Mas logo percebemos que o mais importante não era levar os livros, mas trabalhar com as pessoas. A Amazônia está cheia de projetos de preservação de rios, árvores e araras, mas todos esquecem da gente de lá."

É aí que o que se pretendiam injeções de literatura virou seringas de auto-estima. "Nossa contribuição acabou sendo mexer com o ânimo das pessoas. Comunidades que nunca tinham tido um curso de nada paravam e pensavam: 'Nossa, como somos importantes'", conta Laís Fleury.

Foi assim em todos os tipos de comunidades que elas visitaram.

Nos 18 mil km de estradas, 450 horas de barcos e 12 horas de avião elas visitaram, ensinaram e "bibliotecaram" aldeias indígenas, comunidades ribeirinhas, de descendentes de quilombolas, um assentamento do MST e um presidio, cujos detentos fizeram as estantes de madeira distribuídas por todo o trajeto.

O objetivo agora do trio é arrecadar mais livros para forrá-las. Bancada nesses dez primeiros meses pela financiadora Fináustria e pela Amazônia Celular, a Expedição Vaga-Lume também busca novos patrocinadores para poder fazer trabalho de acompanhamento com as comunidades já beneficiadas (informações pelo tel. 0/xx/11/3032-6032).

"Temos de reforçar o projeto. As políticas públicas encaram investimento em educação só como compra de livros, carteiras, o palpável. É preciso investir também no invisível, acompanhar as pessoas", diz Guimarães.

"Brasil não conhece Brasil", diz "vaga-luma"

DO ENVIADO A CASTANHAL (PA)

Muitos anos depois a estudante Vanuza Filgueira da Silva se lembraria do dia em que conheceu "Gilgamesh". "Adorei", diz a menina de 12 anos, livro ainda no colo.

O encontro da paraense com essa epopéia suméria de 4.000 anos atrás foi em um galpão de teto de zinco e chão de terra batida, a escola que serve as 157 famílias do assentamento João Batista do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra.

Osiane Brasília, 4, se encantou mesmo foi com uma história mais brasileira. "Iô, lê para mim a Mula sem Cabeça?" Como não? E lá vai a quinta leitura do mesmo livro para a menininha de traços indígenas.

Histórias dessas se contam aos montes nos pousos da Expedição Vaga-Lume, que levaram Gilgamesh, a Mula sem Cabeça e vasto elenco para este assentamento do MST próximo à cidade de Castanhal (PA) e pela Amazônia afora.

"É incrível como as crianças piram completamente com os livros", conta a "vaga-luma" Laís Fleury.

"Piram" tanto que passam a levar as histórias para os pais. "Nesta região hoje existem muitas famílias com filhos alfabetizados e pais analfabetos. Quando eles têm um livro por perto, muitas vezes correm para contar para os pais", diz Regina, uma das educadoras que participaram do curso de mediadora de leitura no assentamento.

"Essas coisas me fazem lembrar a velha frase da música de Elis Regina", fala a "vaga-luma" Sylvania Guimarães. "O Brasil não conhece o Brasil." (CEM)

Diário DO AMAZONAS

QUINTA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2002 - ANO XVI - Nº 8.523



Nublado a parcialmente nublado
 Temperatura mín.: 25°C
 max.: 35°C

80 CENTAVOS

► VAGA-LUME

Projeto já instalou 12 bibliotecas

Hudson Braga
 Da Redação

Um projeto pioneiro está vencendo as barreiras geográficas da Amazônia e estimulando crianças das mais distantes localidades da região a gostarem de leitura. No Amazonas, a organização não-governamental (ONG) Associação Vaga-Lume já passou por comunidades rurais de seis municípios do Estado. Nelas, instalou 12 bibliotecas infantis, além de oferecer cursos de capacitação dos professores dessas áreas.

Os cursos, explica uma das idealizadoras do projeto social, Laís Fleury, repassam técnicas de como os professores podem despertar o hábito da leitura nas crianças sem que seja entendido como obrigação. Respeitando esse princípio, defendido pela técnica francesa adotada, o aluno deve ser apresentado ao mundo dos livros naturalmente, com seus gostos e tendências respeitados, sem que ao final de cada leitura tenha que responder questões.

"O que repassamos aos professores é que devem ser intermediadores na apresentação das crianças à leitura. O professor, num primeiro momento, deve dar voz aos livros e mostrar às crianças que tantas outras histórias podem ser encontradas na literatura", explica Laís. Segundo ela, a realidade encontrada nesses locais tem sido de escolas sem livros. Quando existem, estão entalhados em algum canto, sem utilização.

A expedição Vaga-Lume foi iniciada neste ano, com financiamento da empresa Fináustria Financiamentos e a operadora de telefonia móvel Amazônia



APRENDIZADO - Professores interagem com alunos na leitura de histórias infantis

Celular e apoio da Força Aérea Brasileira. Já implantou 19 bibliotecas, além de 12 cursos realizados. Até o final deste ano, quando a primeira etapa do projeto será concluída, serão 32 bibliotecas, espalhadas em comunidades rurais dos nove Estados da Amazônia brasileira.

As bibliotecas, detalham as outras duas idealizadoras do projeto, Sylvia Guimarães, e Maria Teresa Junqueira, são estantes em formato de caixa-

tes modulados. Cada uma tem acervo de 300 livros, a maioria de literatura infantil, mas também com exemplares direcionados aos professores. As estantes têm rodas em suas bases para melhor mobilidade, "para que possam ser deslocadas para as escolas das comunidades facilmente", acrescenta Sylvia.

Continuidade - A segunda etapa do projeto consistirá no retorno do grupo às comunidades e avaliar os resultados.

A ampliação do número de crianças atendidas dependerá da renovação dos patrocínios.

O diretor regional da Amazônia Celular, Daniel Alves, informa que tem sido proposta da empresa ampliar a cada ano seus investimentos em projetos sócio-culturais nos Estados onde atua. Amazonas, Pará, Maranhão, Amapá e Roraima receberão, garante o diretor da companhia, R\$ 1 milhão em projetos sócio-culturais financiados, como o da Associação Vaga-Lume. "Ainda não temos definido quanto investiremos nessa área no próximo ano, mas nossa meta é continuar ampliando o apoio a iniciativas como da Expedição Vaga-Lume", garante Alves.

Viagem da leitura

O projeto que está levando técnicas para despertar o hábito da leitura em crianças da Amazônia nasceu com o desejo de três paulistas em conhecer a região e desenvolver um projeto social. Laís Fleury, Sylvia Guimarães e Maria Teresa Junqueira deixaram os antigos empregos e se aventuraram no mundo do conhecimento. Enquanto aprendem sobre uma das mais exóticas regiões do mundo, oferecem a oportunidade de crianças ingressarem no mundo mágico dos livros.

Laís Fleury é formada em administração de empresas. Trabalhava com marketing cultural. Sylvia Guimarães é historiadora e educadora. Antes de apostar tudo na Expedição Vaga-Lume, trabalhava em um

projeto social na periferia de São Paulo. Já Maria Teresa é formada em Comunicação Social. Antes de se embrenhar com o grupo na floresta amazônica, atuava no desenvolvimento de produtos de aromaterapia.

Laís explica que criar a ONG Associação Vaga-Lume foi a forma encontrada para realizar os dois sonhos. "Percebemos que só conseguiríamos patrocínio por meio de uma empresa, pessoa jurídica. Foi quando nos decidimos pela ONG, já que realizamos um trabalho sem fins lucrativos". Eles garantem que ainda têm muito a aprender sobre a região, por isso pretendem renovar os patrocínios e continuar com o projeto no próximo ano.



NOVIDADE - Crianças entraram no mundo do livro

Reflorestamento de LETRAS

Expedição formada por três jovens percorrerá

Amazônia durante dez meses para implantar bibliotecas infantio-juvenis

CASSIANO ELEK MACHADO
 DA REPORTAGEM LOCAL

Em menos de um mês um novo tipo de inseto vai se juntar aos 10 milhões de espécies da classe já existentes na Amazônia. Ele tem seis olhos, seis pernas, três bocas e vai "polinizar" 7.000 livros pela maior floresta do mundo.

A criatura leva o nome de Expedição Vaga-Lume, é formada pelas jovens Laís Fleury, 27, Maria Teresa Meninberg, 24, e Sílvia Guimarães, 24, e levanta vôo em direção ao norte do país no Dia Internacional da Mulher.

No próximo 8 de março o trio de amigas começa uma viagem que pretende "deixar um rastro de luz" pela Amazônia brasileira.

As "vaga-lumes" vão passar dez meses ininterruptos percorrendo todas as beiradas da região para implantar em comunidades carentes 22 bibliotecas voltadas a crianças e adolescentes.

Esse projeto de "reflorestamento literário" começou a ser semeado quando as três se conheceram, por acaso, em viagens por Pernambuco e Inglaterra.

Em dezembro de 1999, o trio decidiu que queria unir a paixão pelas viagens com "o desejo de dar uma contribuição ao país".

O ano de 2000 foi todo usado para montar esse quebra-cabeça. Muita conversa com professores, líderes de organizações não-governamentais (ONGs), sociólogos e educadores, mais tarde, chegaram até a frase de Monteiro Lobato: "Um país se faz com homens e livros".

"Não queremos apenas passar pelos lugares. A ideia era deixar algo com eles", conta a paulistana Maria Teresa, que atende pelo apelido de Fofa. "Achamos um jeito de transportar um universo", completa a goiana Laís, no pequeno escritório em São Paulo que serve de sede para as "vaga-lumes".

Não foi muito difícil encontrar o epicentro da escassez de livros no Brasil. O maior deserto literário estava na Amazônia, que, segundo os últimos dados do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas do Ministério da Cultura (leia texto ao lado), não tem mais de 400 bibliotecas públicas para seus 4,9 milhões de km².

O trio se dividiu, então, em três frentes: uma para mapear as comunidades carentes, outra destinada a elaborar a lista de títulos e o ponto mais complicado dos projetos sociais no país ficou para a frente voltada para a captação de patrocínio. Isso no tempo livre do trabalho de cada uma.

Com ajuda de empresas como a Casa de Livros e com consulta a escritoras como Patrícia Secco e Ruth Rocha, as meninas montaram uma lista de 320 títulos, quase todos infantis e infanto-juvenis de autores nacionais (incluindo trabalhos de Guimarães Rosa e Clarice Lispector).

Os livros serão distribuídos em cada uma das 22 comunidades que elas selecionaram apoiadas em centenas de telefonemas para secretarias municipais, estaduais, escolas públicas e ONGs.

Uma financiadora de carros chamada Fináustria e a empresa de telefonia Amazônia Celular compraram a ideia das moças, que teceram uma trama de colaboradores ao projeto, que inclui até a Força Aérea Brasileira.

Foi a bordo de um avião da FAB que elas viajaram no dia 19 de novembro, para fazerem uma espécie de piloto da expedição. Elas passaram quase um mês na comunidade de Alter do Chão ("a menina dos olhos da Amazônia", diz Laís), no Pará.

Com a primeira experiência, o trio decidiu reformular algumas linhas do projeto. Além de deixar as três centenas de livros e de fazer atividades com as crianças, perceberam que seria necessário trabalhar com as professoras das comunidades.

"Se o professor não estimular,



Oficina-piloto feita pelas coordenadoras da Expedição Vaga-Lume na comunidade de Alter do Chão, no Pará, em novembro passado

Altamira ganha livreria com 15 mil títulos

DA REPORTAGEM LOCAL

Além de ganhar o brilho literário da Expedição Vaga-Lume, a Amazônia vem recebendo flashes ocasionais de livrerias, que estão descobrindo o mercado quase virgem da região.

O "marechal Rondon" da área nos últimos anos tem sido o grupo Nobel, que inaugurou em janeiro deste ano a primeira loja de grande porte do sul do Pará.

A livreria Nobel de Altamira, cidade parense com 85 mil habitantes, tem 15 mil títulos e um dos melhores resultados de venda da rede no começo do ano. "A venda está sendo surpreendente", diz José Nivaldo Gomes, diretor de varejo do grupo. (CEM)

as crianças vão demorar para se acostumarem aos livros", diz Maria Teresa. Em cada povoado que visitarem, as "vaga-lumes" farão um trabalho de pelo menos 40 horas de oficinas, baseadas no curso que elas fizeram elaborado pelo projeto Biblioteca Viva da Fundação Abrinq.

Boa parte dos dez meses do projeto será no deslocamento de uma comunidade para outra. A viagem inaugural, por exemplo, faz um pinga-ponga em Goiânia, Nova Xavantina e Campinópolis até chegar, mais de 20 horas depois, em São José do Couto.

Por conta da dificuldade dos traslados, a maior parte feitos em canoas, o projeto elaborou estantes desmontáveis de madeira, que estão sendo feitas por presidiários de Ananindeua, no Pará.

"Se as crianças não podem visitar a biblioteca, a biblioteca vai às crianças", brinca Laís.



- Laís (esq.), Sílvia e Maria Teresa, as "vaga-lumes"
- 1 Escola municipal da comunidade São José do Couto, em Campinópolis (MT)
 - 2 Escola rural na Chapada dos Guimarães (MT)
 - 3 Escola municipal de Ouro Preto do Oeste (RO)
 - 4 Escola municipal em Cujubim (RO)
 - 5 Escola municipal da comunidade Miriztal, em
 - 6 Escola municipal da comunidade São Roque, em Cararaí (AM)
 - 7 Escola municipal da comunidade São Leopoldo, em Benjamin Constant (AM)
 - 8 Escola indígena municipal da comunidade Camanaus, em São Gabriel da Cachoeira (AM)
 - 9 Escola municipal da comunidade Moura, em Barcelos
 - 10 Escola municipal de Caracarái (RR)
 - 11 Escola municipal em Pacaraima (RR)
 - 12 Escola municipal de Presidente Figueiredo (AM)
 - 13 Escola municipal de Quilombo Moura, em Otiximíná (PA)
 - 14 Escola municipal em Alter do Chão, em Santarém (PA)
 - 15 Escola estadual da comunidade São Joaquim do Pacuí, em Macapá Rural (AP)
 - 16 Área de reflorestamento Escola municipal da comunidade Santo Amaro, em Portel (PA)
 - 17 Escola municipal da Vila do Pesqueiro, em Soure, na ilha de Marajó (PA)
 - 18 Briquequedoteca do Centro de Recuperação do Coqueiro, em Ananindeua (PA)
 - 19 Escola em Castanhal (PA)
 - 20 Centro Cultural do Quilombo Frechal, em Miriztal (MA)
 - 21 Escola municipal no Povoado Cantinho, em Barreirinhas (MA)
 - 22 Escola municipal da comunidade Paranã, em Ponte Alta do Tocantins (TO)

Estados amazônicos chegam a ter 4 bibliotecas

DA REPORTAGEM LOCAL

O brilho das três "vaga-lumes" pode não iluminar toda a vastidão amazônica com suas bibliotecas, mas, considerada a "escuridão" literária da região, o número de 22 coleções literárias não chega a ser insignificante.

Segundo levantamento do Ministério da Cultura, existem pouco mais de 4.000 bibliotecas operando no país.

Algumas partes da Amazônia, como por exemplo o Estado de Amazonas, têm apenas oito instituições dessas em atividade, conforme a página na internet da Bi-

- Cruzeiro do Sul (AC)
 Reserva extrativista
- 6 Escola municipal da comunidade São Roque, em Cararaí (AM)
 Reserva extrativista
- 7 Escola municipal da comunidade São Leopoldo, em Benjamin Constant (AM)
 comunidade indígena e área de fronteira
- 8 Escola indígena municipal da comunidade Camanaus, em São Gabriel da Cachoeira (AM)
 Parque Nacional do Pico da Neblina
- 9 Escola municipal da comunidade Moura, em Barcelos

- (AM)
 Floresta
- 10 Escola municipal de Caracarái (RR)
- Estação ecológica
- 11 Escola municipal em Pacaraima (RR)
- Área indígena e de fronteira
- 12 Escola municipal de Presidente Figueiredo (AM)
- Reserva florestal
- 13 Escola municipal de Quilombo Moura, em Otiximíná (PA)
 comunidade quilombola
- 14 Escola municipal em Alter do Chão, em Santarém (PA)
- Floresta
- 15 Escola estadual da comunidade São Joaquim do Pacuí, em Macapá Rural (AP)
- Área de reflorestamento
- 16 Escola municipal da comunidade Santo Amaro, em Portel (PA)
- Floresta
- 17 Escola municipal da Vila do Pesqueiro, em Soure, na ilha de Marajó (PA)
- Maior ilha fluvial do mundo
- 18 Briquequedoteca do Centro de Recuperação do Coqueiro, em Ananindeua (PA)
- Presídio
- 19 Escola em Castanhal (PA)
- Assentamento do MST
- 20 Centro Cultural do Quilombo Frechal, em Miriztal (MA)
- comunidade quilombola
- 21 Escola municipal no Povoado Cantinho, em Barreirinhas (MA)
- Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses
- 22 Escola municipal da comunidade Paranã, em Ponte Alta do Tocantins (TO)
- Centro de ecoturismo

bioteca Nacional (www.bn.br). O Estado de Roraima tem ainda menos: quatro.

A maior parte dessas raras coleções literárias é recente, fruto do projeto "Uma Biblioteca em Cada Município", com o qual o MinC tenta minimizar o atual vácuo literário da região.

FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ★ ★ ★

Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S/A

Presidente: LUÍS FRIAS

Diretor Editorial: OTAVIO FRIAS FILHO

Superintendentes: ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MENDES E JUDITH BRITO

Editora-executiva: ELEONORA DE LUCENA

Conselho Editorial: LUIS ALBERTO BAHIA, ROGÉRIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE,

MARCELO COELHO, JANIO DE FREITAS, GILBERTO DIMENSTEIN, LUÍS NASSIF,

FLAVIO PESTANA, CLÓVIS ROSSI, CARLOS HEITOR CONY, CELSO PINTO,

ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MENDES, LUÍS FRIAS E OTAVIO FRIAS FILHO (SECRETÁRIO)

EDITORIAIS

E-mail: editoriais@uol.com.br

VAGA-LUMES LITERÁRIOS

EXPEDIÇÃO Vaga-Lume é o simpático nome do projeto de três jovens que deverá levar, nos próximos meses, cerca de 7.000 livros a 22 comunidades carentes na região amazônica. A idéia, já contida no próprio nome da iniciativa, é levar partículas de luz à floresta.

Os 7.000 volumes distribuídos em 22 bibliotecas podem parecer pouco, mas, quando se considera o deserto de livros que é o Brasil e, em especial, a região amazônica, esses micro pontos de luz ganham as proporções que tem um farol para o naufrago.

A Amazônia Legal, que corresponde a 61% do território brasileiro, não tem mais do que 400 bibliotecas públicas. Um Estado do porte do Amazonas conta com apenas oito. Roraima, ainda menos: quatro.

É verdade que a situação global brasileira não é muito mais confortável. O país possui pouco mais de 4.000 bibliotecas. É difícil determinar o que é causa e o que é efeito, mas o brasileiro quase não lê. Existe aqui uma livraria para cada 84,4 mil habitantes. A vizinha Argentina tem (ou

tinha, antes da crise) uma para cada 6.200. O brasileiro adquire em média 2,5 livros por ano, aí incluídos os didáticos, que são distribuídos a alunos da rede pública. O francês compra mais de sete livros por ano.

E a Expedição Vaga-Lume, ao assumir que faz um trabalho pequeno, como que de inseto, ganha relevância porque não se limita a despejar os livros nas comunidades. Procura também trabalhar com alunos e professores, para que o livro lhes pareça um objeto menos exótico.

Um dos aspectos pouco mencionados do ciclo de perpetuação da miséria é o fato de que o filho de pais analfabetos, mesmo quando chega à escola, já entra em desvantagem. Alguns educadores acreditam que apenas ver os pais lendo desde a primeira infância já constitui elemento do processo de aprendizagem.

O Brasil não se tornará uma França da noite para o dia. Mas, para que a população venha a ter hábitos de leitura, é preciso começar a criar familiaridade com a escrita e os livros, ainda que a ritmo de vaga-lume.

✚



Associação Vaga Lume

Rua Aspicuelta, 678 - Vila Madalena - São Paulo/SP

Tel.: 11 3032 6032

www.vagalume.org.br